CENTRO DE ESTUDOS PSICANALÍTICOS

Trabalhos selecionados para Colóquio Interno

2° Semestre 2012

Ciclo I - Aline Elizabeth Marino de Oliveira

Ciclo II - Lucia Amaral

Ciclo III - Luiz Carlos Storni

Ciclo IV - Rogéria Neubauer de Carvalho

Ciclo V - Patricia Vieira de Souza Santos

Ciclo VI - Adriana Meyer Barbuda Gradin

Índice

Ciclo I

Aline Elizabeth Marino de Oliveira

“O PERFUME - História de um assassino” 03

Ciclo II

Lucia Amaral

“Bagdá café 2” 08

Ciclo III

Luiz Carlos Storni

“Uma viagem pela África com Laurentina, Faustino, Freud e Lacan”.....20

Ciclo IV

Rogéria Neubauer de Carvalho

“Como uma onda”.....28

Ciclo V

Patricia Vieira de Souza Santos

“O outro”.....34

Ciclo VI

Adriana Meyer Barbuda Gradin

Título: “A escuta psicanalítica e o nó borromeano de Lacan” 41

CENTRO DE ESTUDOS PSICANALÍTICOS

2° Semestre 2012

Ciclo I

Aluno: Aline Elizabeth Marino de Oliveira

Título: "O PERFUME - História de um assassino"

O filme que escolhi como tema é uma adaptação do livro best seller de Patrick Süskind. Ele me fez pensar na questão da volatilidade do eclipsado objeto do desejo, de difícil controle, domínio e tão fugaz quanto os aromas. O que há por trás do objeto desejado que tanto nos escapa? Por que é tão difícil mantermos a mesma intensidade de desejo por algo já conquistado? Ora, se a falta que suscita o desejo persiste a conquista do objeto desejado e, então, o sujeito segue desejando, desejaríamos a falta?

Na visão psicanalítica, a concepção de objeto é visto sob três aspectos: enquanto correlativo da pulsão, enquanto correlativo do amor ou do ódio, enquanto correlativo do sujeito (LAPLANCHE e PONTALIS, 2001).

O objeto do desejo para Freud é um objeto perdido, que desliza infinitamente numa cadeia marcada pela falta e que continua presente como falta. Ele não constitui algo da ordem do concreto que se oferece ao sujeito e sim da ordem do simbólico. Antes de ascender ao plano do simbólico o desejo se realiza no plano do imaginário (GARCIA-ROZA, 2002).

No transcorrer da história, o desejo de Jean Baptiste parecia ser controlar o desejo do outro. E no final, de posse do desejo do outro, ele se depara com a sua ausência de desejo por esse outro. Junto com o poder permanecia a falta. Falta de que? De quem?

Cabe aqui, então, um retrocesso.

Jean Baptiste quando chega ao mundo não é recepcionado pelo desejo de sua mãe. Mas de que desejo estaria eu falando? Ele é expelido como qualquer um dos dejetos fabricados pelo corpo dela e seria recolhido ao final do dia juntamente com as tripas dos peixes e lançado ao rio. No entanto, ele não quis que fosse assim. Ele escolhe viver e grita, anunciando ao mundo sua existência. Sobrevive ao parto e ao abandono, contrariando o esperado e subvertendo a ordem. "O primeiro som que sai da sua boca leva sua mãe para a forca". Xeque-mate na rainha! Jean Baptiste segue em sua aposta solitária, carregando consigo seu primeiro crime? uma culpa primordial e quiçá a insígnia de assassino? Teria ele então se condenado e se calado por 5 anos, vivendo enclausurado em sua prisão interna, ensimesmado, recolhendo seu cheiro, sua existência, permanecendo "incluído de fora", como um sonâmbulo a vagar pelos espaços que lhe eram destinados? Eu me lançaria nessa hipótese como uma das muitas possíveis.

Quem como ele havia sobrevivido as condições de seu nascimento não cedia tão facilmente seu lugar no mundo. Seu corpo sobrevivia com um mínimo de comida e de roupas e a sua alma parecia de nada precisar. Ele se apresentava imune a dor e com a resistência de uma bactéria, sendo visto como um "extra" – terrestre. Sua presença causava estranhamento e repugnância. Era como se pertencesse a uma outra realidade; ficava ausente para as pessoas e objetos que o cercavam e que, para ele, eram como que transparentes, desprovidos de sentido. Sua forma de reconhecimento e relacionamento com o mundo se dava através do olfato.

Teriam os odores ocupado o lugar simbólico deixado vago pela mãe? Sua voracidade em colecionar e busca por novos aromas teria alguma relação com um registro mnêmico do cheiro de sua mãe?

O que mais poderíamos dizer do encontro de Jean Baptiste com o mundo externo? Desde a tenra idade, suas relações foram pautadas pela questão da utilidade x valor monetário, e, em dado momento, a experiência de ser descartado se repetia. O mundo que vai se descortinando além de hostil, não comporta experiências de afeto, amor, compaixão, estabilidade. A frouxidão dos laços geravam níveis de insegurança, propiciando a criação e o isolamento em um mundo interno paralelo onde ele podia se sentir seguro. Um mundo com linguagem própria (a dos odores), em que ele era o senhor absoluto, controlando e criando novas experiências e sensações: Jean Baptiste acumulava, no seu íntimo, uma quase infinidade de experiências olfativas e, a partir de suas decomposições, realizava novas combinações e criações que não existiam no mundo real.

A par de sua aparente renuncia ao desejo de descoberta do mundo e de si mesmo, poderíamos considerar seu interesse e curiosidade pelos aromas um ponto de ancoragem com a realidade dos outros seres humanos?

Jean Baptiste deseja vorazmente algo que ele não sabe o que é, e que eu penso estar deslocado e condensado[1] para essa questão do domínio do aroma. O que ele trás em seu discurso é a necessidade de aprender a capturar e manter o aroma, sendo este, para ele, a alma do ser humano. Para que? Para nunca mais perder, para poder reprisar. Qual seria a representação de alma para ele?

---

1. Os mecanismos deslocamento e condensação presentes nos sonhos e constitutivos do processo primário aparecem em outras formações do inconsciente, como nos atos falhos, lapsos, etc, equivalentes aos sintomas pela sua estrutura de compromisso e pela sua função de realização de desejo (LAPLANCHE e PONTALIS, 2001).

O dicionário da língua portuguesa Houaiss, define alma como o "princípio vital; a sede dos sentimentos, da vida afetiva, a natureza moral e emocional de uma pessoa".

De acordo com Jean Baptiste quem controla os aromas, controla o coração dos homens. Se pensarmos o coração simbolicamente como a sede das emoções, estaríamos falando de um desejo de controlar o amor e o ódio? De um modo de defesa relacionada a perda de pessoas significativas, que de alguma forma haviam deixado uma inscrição, uma marca em seu psiquismo?

O que estaria por trás dessa necessidade de controle? Caberia pensarmos em uma pulsão de dominação?

"Uma pulsão dirigida desde o início ao exterior, que só secundariamente se une a sexualidade e cuja meta é dominar o objeto pela força. A origem da crueldade infantil é referida a uma pulsão de dominação que originariamente não teria por objetivo o sofrimento alheio, mas simplesmente não o levaria em conta - fase simultaneamente anterior a piedade e ao sadismo". (LAPLANCHE E PONTALIS, 2001, p.398-9).

Quando o cheiro da vendedora de ameixas invade suas narinas, ele fica extremamente mexido, completamente absorvido, sendo tocado de uma forma tão avassaladora e doce como, aparentemente, nunca fora pela crueza de sua realidade. Algo de uma beleza tão sutil e ao mesmo tempo com um poder tão grandioso que despertara o gigante adormecido, que só existira de forma animalesca, voltando-lhe o olhar para o externo. Ele, então, o persegue até encontrar a fonte, mas inadvertidamente, "sem querer, querendo", comete seu segundo assassinato. O que teria nesse cheiro que o deixara tão desorientado? Por que ele não conseguia retê-lo, sendo que tinha a capacidade de recordar e sentir, a qualquer momento, o cheiro dos milhares de odores específicos arquivados em sua memória?

A experiência na caverna propicia a Jean Baptiste um maior contato consigo a partir do qual ele se percebe como alguém sem odor e insignificante para os outros, temendo o próprio esquecimento. A partir desse momento, os crimes cometidos, que até então me pareceram involuntários, passaram a ser premeditados. "**Eu simplesmente precisava dela**" responde ao pai inconsolado com a morte de sua filha. Nesse momento eu me questionei Quem fala e de quem se fala? Seria o Id falando?

Cabe aqui uma observação: o sujeito está dividido e não centrado no eu. Temos, portanto, "*o sujeito do enunciado, (...) portador do discurso manifesto, porém desconhecedor do sujeito da enunciação e do conteúdo da mensagem; (...) e o sujeito da enunciação (...) que não é expresso ou significado no enunciado, mas recalcado e inconsciente*" (GARCIA-ROZA, 2002, p. 149).

Nosso protagonista viveu a angústia de não ser conhecido por quem o gerou, de não ser visto, de não existir. Ele, então, cria uma alma Frankenstein, composta de 13 essências femininas, que lhe possibilitaria existir e saciar sua fome ininterrupta de ser alguém no mundo. Por instantes, a sensação parecia ser de triunfo. "*Ele consegue criar para si a aura mais radiosa e eficaz da face*

da terra sem dever a ninguém: a um pai, a uma mãe e, menos ainda, a uma divindade benfeitora. Ele era, na realidade, o seu próprio deus" (SÜSKIND, 2006, p. 257). Aos seus pés estavam o bispo e toda a população. No entanto, por detrás da máscara do melhor perfume do mundo, persistia sua total ausência de odor, de desejo por si e pelo outro. Então, qual era o sentido?

Ele remonta a cena em que encontra a vendedora de ameixas, mas dessa vez, ela o vê, o abraça, o deseja. A cena é bruscamente interrompida pela imagem do corpo morto e, pela segunda vez na vida, ele chora. Teria ele se dado conta que o objeto de seu desejo estava para sempre perdido?

Então ele se retira, sendo levado por suas memórias olfativas ao local do seu nascimento. Ele derruba o perfume sobre a sua cabeça e se deixa devorar pelos ali presentes, que se sentiram "tomados por uma felicidade infantil, pois, pela primeira vez na vida, acreditavam ter feito algo puramente por amor".

E me vieram as seguintes questões:

- Jean Baptiste quando chega ao mundo não é recepcionado pelo desejo do outro, mas, de alguma forma, teria ele com o perfume reproduzido no outro a voracidade do seu desejo de ser desejado e conseguido, pelo menos, se retirar do mundo por essa via?

- O ato de se deixar devorar pela multidão presente no local de seu nascimento seria uma tentativa de retorno para o ventre de sua mãe, de se sentir completo, pertencente, parte de, na simbiose, na alienação?

- Qual o simbolismo por detrás da 13ª essência?

Bibliografia

FREUD, S. (1893-99). **Primeiras Publicações Psicanalíticas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v.III).

FREUD, S. (1914-16). **A História do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre Metapsicologia e outros Trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XIV).

GARCIA-ROZA, L.A. **Freud e o Inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

HOUAISS, A.; VILLAR, M.S. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: objetiva, 2004.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SÜSKIND, P. **O Perfume - História de um assassino**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

O Perfume – História de um assassino. Direção: Tom Tykwer. 2006. DVD (147min)

CENTRO DE ESTUDOS PSICANALÍTICOS

2° Semestre 2012

Ciclo II

Aluno: Lucia Amaral

Título: "Bagdá café 2"

Introdução: o que sente um iniciante?

Você ainda se lembra de seus passos iniciais na psicanálise? Será que todos nós temos as mesmas reações e passamos pelas mesmas fases nesse processo de aprendizagem? O que seria útil compartilharmos e quais os escorregões mais comuns?

Minha primeira perplexidade quando comecei a estudar foi a barreira terminológica (ver trabalho do primeiro ciclo). Você lê com a máxima atenção um texto e não entende nada! Revivi meus primeiros anos de exílio na França. A experiência de morar num país sem falar a língua local, desconhecendo os códigos elementares de comunicação, sentindo-se diferente, isolado e impotente – essa é a vivência de muitos exilados e imigrantes. No mundo da psicanálise, o não domínio da terminologia nos deixa em posição semelhante – o máximo que conseguimos é balbuciar nossas idéias, faltam as nuances, o vocabulário correto para exprimir os conceitos de maneira articulada; sem falar na frustração de não entender nada do que os outros estão dizendo. O adulto reconhecido e eloqüente, de repente, se vê novamente na situação de uma criança. Não desistir de tudo indica excelente capacidade de suportar frustrações e/ou uma forte imagem narcísica de si mesmo!

O que fazer? Será que compartilhar experiências pessoais pode ajudar quem está começando? O que devemos evitar nessa fase inicial? Pessoalmente, tentei evitar duas atitudes extremas: misturar a terminologia psicanalítica com a de outras áreas – por exemplo, o eu da psicanálise com o eu biológico, filosófico ou budista – e usar o jargão psicanalítico sem ter adquirido uma intuição correspondente.

O primeiro extremo, dispensa comentários. O segundo, é mais grave, embora bastante comum. É claro que aprendemos por imitação e tentar usar a terminologia específica da nossa área é um bom exercício para quem está começando. Porém, podemos nos iludir ao usar artificialmente um jargão "empolado" e impermeável ao comum dos mortais, como um adolescente que quer fazer

parte da “turma”. O professor Antônio Muniz de Resende valoriza um falar com intuição e propriedade e explica o que entende por “adquirir intuição” com o seguinte exemplo: “Se eu escrever no quadro E=MC2 , todos vão reconhecer uma das fórmulas que celebrizaram Einstein. Para ele é praticamente uma evidência, mas não para mim. Eu posso repetir uma frase de Einstein, científica para ele, mas da qual eu não tenho a intuição. Dito de outra forma: eu não sei exatamente em que sentido ela é verdadeira. Entenderam? O mesmo pode acontecer em psicanálise: alguém pode repetir Freud, Bion, Lacan .... sem entender exatamente em que sentido eles estão falando. De repente, podemos fazer uso de um vocabulário, e mesmo de um discurso, sem a intuição correspondente. Nesse caso não seria descabido falarmos de um discurso vazio.” (Rezende)

O próprio Bion escreveu repetidamente sobre a importância da experiência, como na *Introdução do texto Atenção e Interpretação*: “Duvido que alguém que não tenha feito a experiência seja capaz de entender do que é que estou falando”.

Meu principal exercício durante o primeiro ciclo foi o de admitir que eu não estava entendendo nada. Depois de admitir honestamente minha ignorância, o próximo passo foi mais fácil: cultivar a humildade e, ao mesmo tempo, a esperança de um dia vir a entender. Tomei gosto em ler e ouvir mesmo sem entender tudo o que estava lendo e ouvindo. O caminho consiste em brincar ludicamente com os fragmentos de compreensão, como se fôssemos montar um quebra-cabeça de milhares de peças. Pratiquei o regozijo com as outras pessoas que eu notava que entendiam muito mais do que eu. Senti gratidão pelos meus professores – os antigos e os atuais. Como disse Bion, inspirado em Heidegger: “Pensar significa ser grato”. Sem desejo! (Rezende, prefácio: *E por que não?).*

Outra atitude que me ajudou nesse início foi a de cultivar o prazer especial de voltar a ser estudante, poder perguntar, sentir-se ingênuo, quase inocente frente ao conhecimento. A humildade, nesse sentido, abre a mente e facilita o conhecimento. A humildade de aguardar o momento da experiência. A espera de quem acredita na experiência.

Neste segundo semestre do curso, mudei um pouco. Em vez de me sentir num país estrangeiro, me peguei pensando que tinha ingressado num tipo de sociedade secreta e de algum modo mística! Encontrei profissionais e até professores que passam a impressão de pessoas que acreditam na psicanálise com um tipo de fé cega. Uma espécie de “crentes” de Freud ou de Lacan. Acho que o próprio Freud, previu que um iniciante pudesse ter essa impressão (quero crer que falsa). Na Conferência XXXI (1933), ele diz: *“Os senhores podem acreditar em mim, quando lhes digo que não é de nosso agrado dar uma impressão de sermos membros de uma sociedade secreta e de praticarmos uma ciência mística. Mesmo assim, temos sido obrigados a reconhecer e a expressar nossa convicção de que ninguém tem o direito de participar de uma discussão*

sobre psicanálise, se não teve experiência própria, que só pode ser obtida ao ser analisado."). Ainda bem, que entendi ao menos essa explicação de Freud.

Seguindo sua recomendação, estou buscando alcançar uma "experiência própria" da psicanálise através da minha análise pessoal. Com paciência, algumas experiências estão acontecendo e já consigo diferenciar uma "idéia" de uma "experiência". A fala dos autores começa a ter ressonância interna em mim e a me nortear. Por exemplo, aprecio o modo como o princípio do prazer e da realidade descritos por Freud são tratados na teoria das posições apresentada por Melanie Klein. Nesta o prazer não é mais o amo absoluto de nossos desejos. Os Bleichmar, explicando Klein, dizem que pode haver necessidades dolorosas em relação aos objetos, que, no entanto, provocam prazer, não no sentido de uma descarga pulsional direta, mas em termos de um sentimento de satisfação pessoal, acompanhado de uma sensação de crescimento e enriquecimento emocional. Segundo eles, Melanie Klein menciona, a alegria interna e o crescimento mental que alguns pacientes experimentam, à medida que o tratamento analítico evolui, embora o conhecimento de si mesmo possa trazer consigo sentimentos bastante dolorosos.

Outro ponto que me chamou a atenção foi o que me pareceu um certo fechamento ou isolamento do mundo da psicanálise. Psicanalistas falando entre si, alheios a outras áreas de conhecimento. Fiquei muito inspirada com o pensamento de Christopher Bollas, principalmente, no livro *A sombra do objeto (Imago, 1987)*. Algumas de suas ideias sobre a formação em psicanálise fizeram eco às minhas observações como iniciante. Bollas diz: "Penso também que a psicanálise, no que diz respeito à formação, sofre da ausência de uma maior e melhor participação de profissionais do campo das ciências humanas, como a filosofia, a sociologia, a literatura e também do mundo das artes como a música, as artes plásticas e a poesia. Houve uma alta concentração de pessoas que vêm da medicina e da psicologia."

À procura de respostas claras

Uma das coisas que mais confunde o iniciante é a relatividade dos conceitos psicanalíticos. Nessa fase inicial, imploramos por respostas claras: qual é a definição de narcisismo? O que é transferência? Pedimos essas definições como se fossem tábuas de salvação nesse oceano de conceitos em que estamos mergulhados.

Estamos errados? Pedindo o impossível? Ignácio Gerber, citando H. Hilbert (1900) diz: "Um problema matemático só estará resolvido quando você for capaz de explicá-lo ao primeiro homem que encontrar na rua". O iniciante, posso testemunhar, é como um homem comum pedindo informações de como chegar a um determinado lugar. Simples assim. Se você sabe o caminho, por favor, responda. Mas ninguém responde claramente!

Por que ninguém nos dá as respostas almejadas? Porque, na psicanálise, não há respostas simples e diretas como na matemática. Tomemos, por exemplo, um conceito como o de "transferência" em um único autor – Freud. Ele fala em transferência pela primeira vez em 1895 (Estudos sobre a histeria), e diz que é um sério obstáculo à análise. Mas em 1905 (Caso Dora), ele muda um pouco seu discurso, e novas mudanças ocorrem em 1909 (Homem dos ratos), em 1910, 1912, 1914, 1915, 1916-17, 1920, 1923 e finalmente 1938. Se Freud não tivesse morrido em 1939, seus escritos registrariam novas nuances. Nossa situação de principiantes piora mais quando nos informam que é não dá para ficar apenas com a última versão, uma vez que ela não invalida as anteriores, como no caso da primeira e segunda tópicas na obra de Freud.

Acrescente-se a isso, os desenvolvimentos e as rupturas que aconteceram no mundo psicanalítico pós-freudiano: M. Klein, Karl Abraham, Sandor Ferenczi, Wilheml Reich, Anna Freud, Melanie Klein, Heinz Kohut, Balint, Winnicot, Jacques Lacan, Bion- para citar apenas alguns dos autores mais importantes.

É preciso aceitar esse fato e nos contentarmos em ler, ler e ler. Inicialmente, a compreensão é "capenga" e tudo parece confuso. A paciência é a principal qualidade de um iniciante. O importante é buscar ou abrir-se para ter uma experiência viva de alguns aspectos teóricos na nossa análise pessoal e confiar no que dizem aqueles que trilharam esse caminho antes de nós: vai chegar um momento em que as coisas, naturalmente, vão se juntar e se organizar dentro de nós. Então, aprenderemos a raciocinar psicanaliticamente, a encontrar o objeto psicanalítico e a escutar o que foi dito e o que não foi dito.

Procuro relacionar teoria e experiência bem como a observação de outras pessoas do meu convívio. Claro que há certos riscos nesse tipo último tipo de observação, como o de sair por aí espalhando "diagnósticos": meu tio está preso na fase anal, meu sobrinho é borderline e meu irmão... Outro pensamento recorrente é o de que, se o "mundo" fizesse análise, todos os problemas ambientais, sociais e políticos estariam solucionados. Santa ingenuidade!

Uma maneira menos arriscada de me exercitar na observação e na escuta psicanalítica consiste em deixar meus amigos em paz e voltar minha "criatividade interpretativa" para os personagens de filmes e livros. Os amigos agradecem!

Bagdá Café: o retrato de Jasmin

No trabalho do primeiro ciclo, usei o filme **Bagdá Café** (Percy Adlon, 1987) como roteiro para apresentar o que aprendi. Neste trabalho, manterei o mesmo cenário, detendo-me em aspectos mais específicos do filme. O recorte será o retrato de Jasmin.

Jasmin aceita posar para Rud Cox, um pintor amador que havia sido cenógrafo nos estúdios de Hollywood. A sequência de retratos pintados seria indício de “um processo em andamento”: inicia-se uma transformação no cenário total daquele deserto. Uma representação simbólica do amadurecimento psíquico que está em jogo em todos os personagens do filme. Jasmin representa todos eles. Ela, progressivamente e por iniciativa própria, vai se desnudando. No primeiro retrato, ela está sentada numa cadeira, vestindo um tailleur cinza, gola fechada e chapéu. No sexto, ela mostra uma parte do seio. No sétimo, desnuda os dois seios e cobre os mamilos com as mãos. No oitavo e último, aparece deitada num sofá/divã, completamente nua, vestindo chinelos de salto e comendo uma cereja.

Detalhe pessoal: quando comecei a escrever este trabalho, em vez de escrever **Rud** Cox, eu escrevi **Rod**, que é o nome da minha analista! Acho que estou começando a criar vínculos com ela...

Este comentário tem quatro subtítulos:

1. Os vínculos desenvolvidos em análise;
2. A moldura do quadro e a mãe continente;
3. Diferença entre idéia e experiência;
4. Quem é o bebê?
5. A virtude que almejo.

1 - Vínculos desenvolvidos em análise.

Para o exercício a que me proponho neste trabalho vou nomear a visão psicanalítica que me inspirou – a psicanálise vincular ou interacional de Bion – embora não seja meu propósito discutir esse assunto. Apoiado no princípio da incerteza de Heisenberg (que explica que em qualquer observação o próprio observador, no caso o analista, intervém na realidade do fenômeno observado), Bion considera que a interação entre o analista e o analisando é de uma importância significativa para o curso da análise. Bion privilegia a visão de que a maior tarefa do analista é a de auxiliar o seu paciente a desenvolver a capacidade para pensar as experiências emocionais, tanto as primitivas como as novas. O analista não visa curar ou ajustar socialmente o analisando, mas sim ajudá-lo a se desenvolver plenamente como pessoa.

Rud pinta 7 ou 8 quadros de Jasmin. Nesses flashes sucessivos, Jasmin descobre e revela seu corpo/personalidade. Um corpo e as várias imagens dele. Todas elas são Jasmin, aparecendo em

suas diferentes dimensões, ao longo da vida. Os quadros podem ser vistos individualmente e no seu conjunto, mostrando então a personalidade de Jasmin em movimento. Bion diz: "*A personalidade é uma estrutura de relações marcantes de natureza emocional-afetiva que a caracterizam como tal, a começar pela situação edípica, mas continuando pela vida afora, e permitindo diferenciá-la de outras personalidades*". *(Rezende, As paixões de um paciente em análise cap 10)*

A revelação da personalidade de Jasmin acontece no contexto do vínculo de confiança que se estabelece entre ela e o pintor. À medida que a confiança se fortalece, Jasmin "revela/desnuda" sua personalidade. A dupla analista/analisando está insinuada na dupla pintor/modelo. A pergunta que me faço é: qual é o papel do pintor e qual o papel da pessoa que está sendo pintada? Sem dúvida, cada qual tem papeis definidos que não devem se confundir. Contudo, um não existe sem o outro, um não pode funcionar sem o outro. Como se dá esse funcionamento? Outro ponto interessante é pensar no resultado que surgirá dessa dupla. Que resultado é este e a quem pertence?

Em 1905, numa conferência para médicos, Freud usou uma famosa metáfora tomada de Leonardo da Vinci e disse que o tratamento dos transtornos emocionais, tal como a arte, comporta duas concepções na aplicação prática. Uma, é por via "di porre" – o terapeuta, por meio de técnicas sugestivas, como as hipnóticas, põe os seus conhecimentos na mente do paciente, como um pintor colore com tintas a tela em branco. A segunda concepção consiste na "via de lavare" – como numa escultura, o artista remove um excesso de matéria de um bloco de mármore, possibilitando o surgimento de uma figura humana que estava como que adormecida; do mesmo modo, o psicanalista pode ser, sobretudo, o propiciador do surgimento de aspectos vivos que estão perdidos ou ocultos nas profundezas do ics dos pacientes." (D. Zimerman pg 45-6).

Qual é a diferença? Na primeira técnica, o artista <u>põe/introduz</u> algo que não pertencia à tela branca, ao passo que na segunda, ele <u>remove</u> um excesso de matéria de um bloco de mármore, ou seja, o bloco potencialmente já continha a forma que lhe foi dada. Parece interessante, contudo, tanto a tela quanto o bloco de mármore são passivos diante da vontade do artista. Quem é o artista na dupla analítica? (ver nota no final da bibliografia)

Se observarmos a dupla Rud e Jasmin, veremos que ambos participam ativamente da obra. Rud lhe dá um "continente" amoroso, a moldura do quadro, que impede que a imagem dela se espalhe para além de certos limites. O pintor "acolhe" a imagem de Jasmin e a resignifica com traços estilizados e novas cores. Jasmin recebe as novas imagens e "se reposiciona", apresentando-se ao pintor numa nova postura, cada vez mais nua. A iniciativa pertence inteiramente a Jasmin, no seu tempo e ritmo. Cada um tem o seu papel e os dois são ativos; um afeta o outro, numa comunhão transformadora. Ambos, o analista e o analisando, são pessoas adultas e reais, com

suas inevitáveis limitações e angústias, e isso vai aparecer no processo da pintura/análise. Análise essa que não é linear nem sequencial, mas que consiste num modelo dialético, onde as teses apresentadas pelo analisando são confrontadas com as antíteses propostas pelo analista, de modo que resultam em sínteses (insights), que funcionam como novas teses, num sucessivo movimento espiralar ascendente, em planos que são gradualmente amadurecidos na mente do analisando. (D.Zimerman).

Nas palavras de Ogden, "os sujeitos da análise, analista e analisando, criam-se mutuamente, não há analista sem analisando e não há analisando sem analista, embora mantenham o contorno de suas individualidades. No processo analítico, o analisando não pode ser apenas o sujeito da investigação e tampouco o analista poderá ser apenas o observador dos esforços do analisando. O analisando precisa ser sujeito nesta investigação, criar esta investigação, e o analista também precisa fazer parte ativa no processo, pois a sua experiência subjetiva é o caminho possível para a compreensão da relação que está sendo vivenciada". (*Reading Susan Isaacs, International Journal of Psychoanalysis* * não tenho certeza se essa referência está correta). Ogden escreveu um livro absolutamente fantástico sobre esse assunto – *Os sujeitos da psicanálise*. Ele diz que o sujeito da análise é o terceiro analítico. (ver a nota sobre *A origem da obra de arte*. Curiosamente, Heidegger fala sobre o surgimento de um "terceiro" na relação artista e obra).

Outra pergunta que me faço, como analisanda e futura analista, é até onde pode ir uma análise? Haveria um limite a não ser ultrapassado? Por exemplo, um âmago da pessoa a ser preservado/respeitado? A análise revela tudo? Encontrei um princípio de resposta em D. Winnicott: "No centro de cada pessoa, há um elemento que não pode ser comunicado, e isto é sagrado e muitíssimo digno de preservação". Ele sugere, no meu entender, que há lugares internos que só podem ser adentrados pela própria pessoa. Interpretações intrusivas são perigosas e abusivas. Como disse a professora, Amnéris Maroni, não há nada pior do que uma "observação intrusiva", persecutória, que adoece e pode enlouquecer alguém.

2 - A moldura do quadro e a mãe continente

Outro aspecto que para mim é importante na relação analista/analisando é o de "aceitação e autonomia". A modelo (Jasmin) aceita posar para o artista (Rud Cox) e se submete ao seu olhar; contudo, a obra do artista pertence a Jasmin. Ele a "contém" na moldura do quadro[1], enquanto isso é necessário. Depois de lhe "dar continente", o artista/analista devolve à Jasmin a obra, que sempre lhe pertenceu. Cada um tem a sua parte na parceria. O artista teve a sua experiência de criação; uma "Jasmin/conteúdos", com a qual ele aprendeu e talvez tenha tido a oportunidade de se olhar a si próprio de outros ângulos. O analista talvez tenha enlouquecido junto com a paciente.

Esse tipo de "loucura" é muito enriquecedora. Winnicott disse, numa de suas mais conhecidas notas de rodapé (*Primitive Emocional Development*): Somos de fato pobres se formos apenas sãos. Em outra ocasião, referindo-se a Jung, ele disse: Jung era um psicótico que no final da vida tornou-se são; eu era uma pessoa normal e me tornei mais louco.

Finalmente, aquela obra específica (quadro/análise) termina e vem a despedida, a separação. É preciso aceitar e desejar essa separação. As palavras de Heidegger sobre o que define um bom mestre se aplicam perfeitamente ao analista no desempenho da sua função:

"É bom mestre aquele que prepara o discípulo para não precisar mais dele. O melhor mestre é aquele que liberta seu discípulo, "deixando-o pensar". Num primeiro momento, o mestre "faz pensar". Quando o discípulo começa a pensar, o mestre se distancia para não pensar no lugar dele. (Rezende, *A metafísica de Bion*)

3 - Diferença entre idéia e experiência

A análise me trouxe um entendimento claro da diferença entre ter uma opinião e fazer uma experiência. A cada dia se passam muitas coisas e opinamos sobre elas, porém, quase nada nos acontece ou nos toca de verdade; não temos experiência.

O que significa uma experiência? Heidegger foi particularmente inspirador ao dizer: "... fazer uma experiência com algo significa que algo nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós, que nos tomba e nos transforma. Quando falamos em "fazer" significa aqui: sofrer, padecer, tomar o que nos alcança receptivamente, aceitar, a medida que nos submetemos a algo. Fazer a experiência quer dizer, portanto, deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela,

[1] Lendo um livro de G. Safra encontrei uma referência sobre o setting que sustenta a analogia que usei da moldura de um quadro. Milner (1952) compara o setting a uma moldura ao redor de uma pintura. A moldura lembra-nos que o que está dentro dela deve ser interpretado de forma distinta do campo externo a ela. Trata-se de delimitação de suas dimensões da realidade". (Safra p. 30)

entrando e submetendo-nos a isso. Podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo". Essa citação de Heidegger está num texto de Jorge Larrosa Bondias intitulado "*Notas sobre a experiência e o saber de experiência*". Me lembrou o que Bion chama de "pensamentos não pensados a procura de pensadores".

Maria Rita Kehl, em *O tempo e o cão*, escreveu um capítulo maravilhoso intitulado "Temporalidade e experiência". Foge ao meu propósito escrever sobre isso, mas gostaria de registrar o quanto a experiência me parece fundamental na formação de novos analistas. Não basta nos contentarmos com meras vivências, precisamos buscar as experiências transformadoras, as mudanças catastróficas nas palavras de Bion.

Um breve exemplo de "experiência" vivido em análise. Fatos: o analista telefona cancelando uma sessão. O analisando responde que "tudo bem" e indaga solicitamente como está o analista. O que aconteceu nas palavras do analisando: "Racionalmente, me pareceu absolutamente normal que uma sessão seja cancelada; não senti nada de estranho nisso, nem a mais leve decepção. Na hora, interessei-me pela pessoa do analista, sua saúde etc. Depois, não pensei mais no assunto. Na semana seguinte, no dia da próxima sessão, eu tinha marcado um compromisso no início da tarde e me atrasei... enquanto esperava o ônibus pensando que chegaria atrasada na análise, lembrei-me de meu filho pequeno que virou a cara para o pai quando este voltou de uma viagem; foi como se quisesse puni-lo pela ausência. Reconheci, então, que essa situação de "chegar atrasada" poderia ter esse conteúdo. Ficou claro para mim qual é a diferença entre "algo que acredito e defendo intelectualmente" e algo que é de outra ordem, capaz de se configurar independentemente da minha vontade. Percebi melhor que a experiência ME acontece, me atravessa, me habita. A mim cabe reconhecê-la, acolhê-la e ser capaz de nomeá-la. Nesse sentido, a experiência é diferente da minha opinião. Outro ponto que percebi é que a experiência tem a capacidade de mudar meu cenário interior, uma mudança sutil que permanece. Eu posso mudar de opinião, mas não posso apagar a experiência; ela agora faz parte de mim".

A experiência demanda tempo, paciência e acolhimento - tudo o que não temos na vida acelerada que levamos. Um estímulo é imediatamente substituído por outro. Não dá tempo de processarmos nossas vivências. Como diz Larrosa Bondias, o sujeito moderno não só está informado e opina sobre qualquer assunto, mas também é um consumidor voraz e insaciável de notícias, de novidades, um curioso impenitente, eternamente insatisfeito." Tornamo-nos incapaz de silêncio.

Percy Adlon parece entender a importância de parar o tempo, de ouvir o silêncio para que possamos preparar novos nascimentos ou transformações. Ele ambientou o Bagdá Café no meio do deserto. Um lugar coberto de poeira, onde o relógio parou, ninguém trabalha e nada acontece; um café que não serve café porque a máquina enguiçou. Esse será o ambiente onde se dará a *caesura*.

Jasmin vem de outro continente, a estrangeira, de salto alto e tailleur, exausta... e ingressa nesse lugar/útero. Está sem roupas, sem identidade – trocou involuntariamente de mala com o marido. A passagem produz um choque e esse choque, restitui o silêncio necessário para que a experiência possa acontecer. É nesse cenário protegido e com fronteiras bem delimitadas (continente) que os personagens vão se transformar. Esse ambiente (setting) é necessário para suportar rupturas, fazer a limpeza, atravessar o luto e finalmente poder renascer.

A transformação de Jasmin, retratada na série de quadros, mostra um renascimento. Ela se despe pouco a pouco até ficar completamente nua. Paralelamente, Jasmin aprende a fazer mágicas com um jogo encontrado na mala do ex-marido. Usando esse recurso, ela faz aparecer objetos novos atrás da orelha das pessoas... maçãs, ovos, flores e até moedas de ouro. Quando alguém se transforma por meio de verdadeiras experiências, todo o ambiente ao seu redor, incluindo todas as pessoas, também se transforma em alguma medida.

4 - Quem é o bebê?

Quem é o bebê do Bagdá Café? Um bebê sem mãe e sem nome, que passa de um colo para outro sem chorar, sem sorrir, praticamente, sem rosto. Um bebê esquecido. Fiz uma breve enquete em várias locadoras e constatei que ninguém se lembra de que há um bebê no Bagdá Café. Não é interessante?!

Quem é ele? O que representa? Seria um bebê simbólico? Um elo capaz de unir aquelas duas mulheres (Jasmin e Brenda), atravessadas pelo luto e a procura de um sentido para as suas vidas? Ou o bebê simbolizaria o renascimento do Bagdá Café e de todos os seus personagens?

Investigar melhor quem é esse bebê poderia ser um recorte para meu próximo trabalho. Outra possibilidade, seria pensar nos homens do Bagdá Café – pais ausentes, falso self, fantasmas que presenciam os acontecimentos, mas não conseguem participar ativamente deles.

5 - A virtude que almejo alcançar

Em vez de apresentar uma conclusão a esse trabalho, optei por falar sobre a continuidade da minha formação: o que me falta e a falta que me faz. Gostaria de aprender a escutar sem enquadrar o outro naquilo que já sei de antemão, sem fazer dele um objeto do meu conhecimento, sem querer chegar a um resultado.

Admiro a virtude da escuta meditativa, da rêverie esvaziada de Bion. “Cultivando essa virtude, transportamo-nos para o outro e aprendemos as suas razões, um pouco do seu modo de ser,

suas emoções; sentimos e pensamos como ele e, então, retornamos ao nosso lugar, podendo aí, nesse lugar que é o nosso, reavaliar nossas primeiras proposições, agora relativizadas pelo confronto com o outro. (...) Nesse confronto, deixamos de saber o que antes sabíamos, e nessa perda ganhamos ao enriquecer de maneira nova nossos antigos pontos de vista". (MARONI. A.)

Bibliografia

ABRAM. J. *A Linguagem de Winnicott*. Revinter, RJ, 2000 (1996)

BOLLAS, C. *A sombra do objeto*. Imago, RJ, 1992 (1987)

BONDIAS. LARROSA. J. "Notas sobre a experiência e o saber de experiência". Palestra proferida no 13 COLE-Congresso de Leitura do Brasil. Unicamp. Campinas/SP, 2001

KEHL.M.R. "Temporalidade e experiência". In: O tempo e o cão. Boitempo. SP,

KLEIN. M. *Inveja e Gratidão*. Imago. RJ, 1985 (1975)

MARIOTTI. H. "Os cinco saberes do pensamento complexo". Seminário apresentado na terceira Conferência Internacional de Epistemologia e Filosofia. Instituto Piaget, Campus Acadêmico de Viseu, Portugal, 2002

MARONI. A. *E por que não?* Ideias e Letras, SP, 2008

OGDEN. T. *Os sujeitos da psicanálise*, Caso do Psicólogo, SP, 1996 (1994)

REZENDE. MUNIZ. A. *Ser e Não-Ser sob o Vértice de "O".* Cabral Editora Universitária, SP

PHILLIPS. A. In: *Winnicott*. Ideias e Letras, SP, 2006 (1988)

SAFRA. G. "A vassoura e o divã". In: *Sociedade Psicanalítica Parnaíba*. (Org.) Carta 52. 1 ed. Paraíba: soc Psicanalítica Parnaíba, 2004, v.2, p 2-9.

SAFRA. G. *Momentos mutativos em psicanálise – uma visão winnicottiana*. Casa do Psicólogo. SP, 1995

ZIMERMAM. D. E. *Fundamentos Psicanalíticos*. Artmed, SP, 2010 (1999)

LEITURAS PÓS-TRABALHO:

HEIDEGGER. *A origem da obra de arte*

"O artista é a origem da obra. A obra é a origem do artista. Nenhum é sem o outro. Igualmente, nenhum dos dois sustenta sozinho ao outro. Artista e obra são cada qual em si e em sua mútua relação através de um terceiro, o qual é o primeiro, a saber, aquilo através e a partir do qual artista e obra de arte têm seu nome: através da arte."

BARANGER Willy e Madeleine sobre a teoria dos campos (pesquisando)

FERRO Antonino. *A clinica de Antonino Ferro*. Casa do Psicólogo.

CENTRO DE ESTUDOS PSICANALÍTICOS

2° Semestre 2012

Ciclo III

Aluno: Luiz Carlos Storni

Título: "Uma viagem pela África com Laurentina, Faustino, Freud e Lacan"

Baseado no livro : As mulheres do meu pai, de José Eduardo Agualusa

"*nenhum caminho tem fim*
longe do teu abraço"
Faustino Manso

Introdução

Esse trabalho é um percurso de interpretação do livro – As mulheres do meu pai, do angolano José Eduardo Agualusa, baseado em conceitos psicanalíticos, com ênfase na questão do Édipo.
O livro mistura ficção e realidade e o percurso escolhido é uma dentre as muitas leituras possíveis.
Entendo que as relações de leitura que temos com os livros, guardam certa semelhança com aquela entre o analista e o paciente. Há uma transferência do leitor, que passa a interagir com os personagens e seus percursos, que por sua vez fazem reverberar no leitor questões que o tocam, e o fazem criar "o seu livro".
Jorge Luís Borges, citando Heráclito, diz que ninguém lê o mesmo livro duas vezes, a cada releitura somos outros e o livro se mostra diferente à nossa releitura, eu diria que ninguém lê o mesmo livro, mesmo compartilhando uma estrutura central comum, cada livro é singular para quem o lê.

Um pouco do livro

Faustino Manso, o Seripipi viajante

"De quantas verdades se faz uma mentira"
"Uma mentira para que funcione há ser composta por muitas verdades"
"Era uma boa mentira, a nossa, compostas por muitas verdades, e todas elas felizes. Por exemplo, o amor que Dorotéia tinha por ti era realmente um amor de mãe. Tu sabes disso, não sabes?"

Dário Reis, pai adotivo de Laurentina

Laurentina sabe que é filha adotiva quando a mãe morre, em Lisboa, e deixa uma carta para ela contando a sua história.

A mãe adotiva – Dorotéia, perde um filho durante o parto em uma clinica em Moçambique e ao lado dela, uma moça indiana –Alima, tem um parto difícil, entra em coma ao dar a luz a uma menina, fruto de uma relação casual , e essa menina – Laurentina, é trocada e dada em adoção a Dorotéia, pois rejeitada pela família da mãe.

Laurentina então sabe por Dário, seu pai adotivo, que seu pai biológico é Faustino Manso, músico angolano muito popular na África Austral e decide partir para Angola para conhecê-lo.

Com ela viaja seu noivo, Mandume, um angolano naturalizado português e que se define como um português, sem relações com a África.

Ao desembarcarem leem em um jornal local:

"*Morreu o Seripipi Viajante (Seripipi - pássaro angolano)–Faustino Manso, 81 anos, faleceu na madrugada de ontem, depois de prolongada doença.*

Foi um músico muito popular durante os anos 70 não só em Angola, mas em toda a África Austral, Viveu em diversas cidades angolanas, e também em Cidade do Cabo, África do Sul, e em Maputo, então Lourenço Marques, Deixa viúva, a senhora Anacleta Correia da Silva Manso, além de três filhos e 12 netos".

Na seção de necrologia ela se depara com quatro obituários relativos à morte de Faustino: um de Anacleta, outro dos três filhos – N'Gola, Francisca e João, e outros dois inesperados.

Um deles assinado por Fatita Matos, de Benguela, dizia: *"Pecado é não amar, Pecado maior é não amar até o fim do amor. Não me arrependo de nada, Tino, meu Seripipi. Repousa em Paz".*

O outro, dos filhos Babaera e Smirnoff, dizendo ao pai-Faustino, que a mãe deles-Leopoldina, estava esperando-o na eternidade, e que ele levasse a ela um abraço deles.

Laurentina então ruma para o enterro onde é acolhida por Anacleta, a esposa de Faustino. Anacleta sabia da existência de Laurentina, e de outras sete mulheres e quinze filhos que Faustino teve em suas andanças pela África, mantém com todos eles relações cordiais, e é reconhecida como a matriarca dessa complexa família.

Laurentina à procura do pai

"De quantas mentiras se faz uma verdade"

Laurentina é cineasta (documentarista), e após o encontro com essa nova família, decide fazer um documentário reconstruindo o percurso do pai.

Faustino ficava dois ou três anos em cada cidade, às vezes um pouco mais, fundava uma família, e voltava à estrada.

Em cada cidade Laurentina grava depoimentos de viúvas, de seus filhos, amigos, amantes, admiradores e de outras pessoas que conviveram com ele.

No fim desse percurso soube que ele voltou a viver com Anacleta, e que declara ser ela seu único e verdadeiro amor.

O retrato que vai se formando é o de um homem alegre, sedutor, amante da vida, da música e das mulheres, que mesmo após tantos anos demonstram, em seus relatos à Laurentina, seu amor por Faustino.

De uma amante de Faustino ela ouve: "*ainda que não nos ame, ama-nos mais e melhor do que a maioria dos homens".*

Em um desses encontros fica sabendo através de um médico de Moçambique, amigo de Faustino e de seu pai adotivo Dário, que Faustino era estéril, e não era o pai biológico de nenhum dos 18 filhos.

Um segredo que era compartilhado por poucos: o médico e amigo que descobriu a esterilidade, Faustino e Anacleta.

O médico também lhe dá o endereço de sua mãe biológica, que havia sobrevivido ao parto.

O reencontro com sua mãe é emocionante, e Laurentina não tem coragem de perguntar a ela sobre o pai.

Na gravação do documentário acompanham-na seu noivo e um dos seus sobrinhos-Bartolomeu, com quem ela acaba tendo um rápido envolvimento amoroso e engravida dele.

Laurentina por fim vai questionar Anacleta, a primeira, e também última, mulher de Faustino para esclarecer o que ouvira do médico.

Confirmada a história, Laurentina vê-se de novo sem pai e sem pistas quando recebe uma carta da sua mãe biológica, contando a ela que seu pai adotivo - Dário Reis era seu pai biológico.

Ela então, rompida com o noivo, retorna só a Portugal, questionando seu pai. Ele conta a ela que havia decidido preservar a todos, que não teria condições de sustentar as duas famílias, e que decidira então viver em Portugal, ocultando essa relação casual que havia tido com sua mãe biológica.

Ao se despedirem, ele pergunta a ela quem era o pai do seu neto, e ela lhe diz:

- "meu filho não tem pai, como eu".

A Psicanálise e o Livro

A questão da fantasia

"As surpreendentes descobertas sobre a sexualidade da criança (complexo de Édipo) foram a princípio proporcionadas pela análise de adultos...".

"Foi por trás dessas fantasias (evocadas por pacientes adultos) que surgiu então o material que permitiu fazer a descrição do desenvolvimento da função sexual (fases libidinais da infância)."

"... fui obrigado a reconhecer que as cenas de sedução jamais haviam acontecido e que não passavam de fantasias forjadas por meus pacientes." Freud

Freud inicialmente entendia que o que os pacientes relatavam em suas análises era de fato o que havia acontecido em suas relações, até que se deu conta de que muitos relatos eram fruto da fantasia, da imaginação do paciente e reviu seu conceito entendendo que não importava o que havia acontecido de fato, mas sim o que ficou gravado no Inconsciente do paciente.
Lacan refere-se ao real como "*uma realidade simbólico-imaginária, e uma construção eminentemente fantasistica, que para cada sujeito, faz face ao real inominável*" . *citado por Coutinho Jorge*

Agualusa, através de duas construções muito interessantes, retoma o que Freud e Lacan disseram com as suas frases:

- *"de quantas verdades se faz um mentira"*
- *"de quantas mentiras se faz uma verdade"*

Ambas mostram a relatividade da verdade, dos fatos reais nas construções do nosso Inconsciente.
Quem é Faustino Manzo, o homem que teve vários filhos, que os criou, enquanto esteve presente, com muito carinho, sendo amado por eles e admirado por outros homens pelo seu sucesso com as mulheres e sua prole numerosa? Ou um homem estéril, como vamos saber no fim de sua estória e que havia sido, de certa forma, enganado por suas mulheres.
Quem é de fato o pai de Laurentina – Dário, que a criou e depois descobrimos que era também seu pai biológico? Faustino que a faz empreender uma viagem à procura de sua história e da identidade dela, Laurentina?
E quem é sua mãe - a adotiva que a criou desde que nasceu ou a biológica, tão frágil e tão indefesa em relação ao mundo que a cercava, quando a reencontra, e que tem uma parte de suas histórias compartilhada pelo amor a um mesmo homem – Dário, o pai com quem Laurentina conviveu, perdeu e depois reencontra em uma história permeada de mentiras e verdades que a fazem identificar-se com essas duas mulheres.
Como disse Lacan , aqui em uma citação de Joel Birman : "o trauma é o real, pois refere-se a pontos da nossa história em que não fomos reconhecidos pelo outro. A experiência da transferência permite realizar "a posteriori" esse reconhecimento pelo simbólico".
E essa parte da história de Laurentina é resgatada por essa busca de Faustino através de uma viagem pela África, que pode ser vista como uma metáfora de um processo analítico, com a África fazendo aflorar nela coisas do seu Inconsciente.

A questão do Édipo

O complexo de Édipo é um dos pilares da Psicanálise.
Freud o definiu como algo que ocorre entre três pessoas – mãe, filho e pai, que interagem e influenciam-se mutuamente.
Já Lacan, partindo da definição de Freud, foi mais além e o define como três funções subjetivas que se constituem como identidade no próprio processo.
Lacan divide o Édipo em três tempos.
Os dois primeiros tempos, permeados pelo conceito do Ego Ideal, em que em um primeiro tempo o falo é o filho, e em um segundo o falo é o pai.
Inicia-se com um projeto materno de onipotência narcísica que sofre um colapso quando a mãe introduz o pai como o detentor do falo, dando início a castração simbólica, que é completada com a passagem para um terceiro tempo, permeado pelo Ideal de Ego, em que o falo não mais "é" uma das entidades subjetivas, mas sim algo que está inserido na cultura – o pai tem o falo.
Desse primeiro tempo o livro não nos fala muito, intuímos pelas posturas maternas e alguns depoimentos dos filhos/personagens que eles foram fruto de um projeto do amor materno de todas as mulheres de Faustino.
Faustino desejava suas mulheres e elas a ele, e "deram-lhe filhos"- um grande desejo dele, como conta Anacleta a Laurentina:
"Ele queria ter muitos filhos. Faustino esse adorava crianças. Não falava noutra coisa "Quero que me dês pelo menos cinco filhos" disse-lhe, no mesmo dia em que trocaram o primeiro beijo".

O segundo tempo do Édipo
Anacleta, Faustino e suas muitas mulheres

"*Que é o pai? Não digo na família... A questão toda é saber o que ele é no complexo de Édipo. ... É isto: o pai é uma metáfora. ... O pai é um significante que substitui um outro significante. Nisso está o pilar, o pilar essencial, o pilar único da intervenção do pai no complexo de Édipo. A função do pai no complexo de Édipo é ser um significante que substitui o primeiro significante introduzido na simbolização, o significante materno. Segundo a fórmula... da metáfora, o pai vem no lugar da mãe." Lacan*

E todas as mulheres com as quais "teve" filhos permitiram que Faustino fosse o pai do segundo tempo do Édipo, como em Lacan, pois a função paterna não coincide com a do pai biológico, mas sim com a função que é permitida e introduzida pela mãe.
Faustino, por sua estória, sua relação com as mulheres, aparece sempre como personificação do "Falo".

Laurentina e a questão do Édipo

A questão do Édipo feminino é mais complexa que o do masculino.
O menino teme a castração e via de regra, obtém uma solução negociada com o pai, tem constituído o superego pela interdição paterna, saindo assim do Édipo.
No caso dos filhos de Faustino nota-se a admiração pelo pai, a quem tiveram presente por cerca de 3 a 4 anos, um período pré-edipiano, mas com a introdução da figura desse pai pelas mães – embora um pai idealizado por suas ex-mulheres, eles seguem uma trilha muito parecida com a de Faustino, sedutores, com várias relações amorosas, muitas que beiram o incesto com as mulheres do clã de Faustino, que não era algo da ordem do real, pois não era Faustino de fato o pai deles.
Em um trecho do livro, Laurentina diz da conversa que teve com seu irmão Baabera, filho de Faustino e Leopoldina:
"Baabera tinha apensa três anos quando Faustino partiu. Contudo fala dele com admiração. Diz que ele o salvou de ser um simples pastor de bois. Guarda com carinho uma mão cheia de lembranças, os passeios, de mãos dadas, tocando piano com ele no colo".
Na menina não há a castração, mas uma privação. O Édipo se inicia por um amor inicial pela mãe, segue-se, um movimento em direção ao pai, que a rechaça, e que a faz voltar à mãe e procurar um homem com o qual realize seu desejo de ter um filho e ser detentora do falo.
A questão com a mãe parece resolver-se para Laurentina com o reencontro com a mãe biológica, levando-a a identificação com suas mães – Alima e Dorotéia, como mencionado nessa passagem, quando Laurentina diz:
"Alima era Doroteia, todas as mães, e eu as filhas todas do mundo".

Já em relação ao pai, ou aos pais, que seria mais apropriado aqui, pois há um pai primeiro Dário – que ela descobre ser um pai adotivo, um segundo pai – Faustino, que era uma fantasia, e novamente Dário, agora como seu pai biológico, a questão é mais complexa.
Diz J.D. Nasio, em Édipo – um complexo do qual nenhuma criança escapa: *"uma mulher sempre tem seu pai dentro de si...Incontestavelmente, o pai fantasiado ocupa um lugar central na vida de uma mulher."*
E continua: "*A mulher inteiramente tomada pelo pai fantasiado não consegue empreender uma relação amorosa duradoura; todos os seus receptores de amor estão saturados pela onipresença paterna. Ela não tem namorado, mas continua fortemente impregnada pelo pai amado; está sozinha e insatisfeita, mas arrebatada por sua paixão secreta. Resumindo, prefere preservar seu pai interior a se lançar em uma relação afetiva, sempre frágil, em que se sente exposta ao risco de ser abandonada.*
Porém, salvo essa eventual deriva neurótica resultante de uma intensa identificação com o pai, a menina se apropriará diversamente dos traços femininos e masculinos assimilados ao mesmo tempo da mãe e do pai. "Este é, precisamente, o desfecho mais frequente do Édipo feminino."

Laurentina parece encaixar-se nessa tipologia apresentada por Nasio, na tentativa de resolução de seu conflito edipiano.

Suas relações afetivas – o noivo Mandume, com quem ela rompe durante sua viagem à África; e com o primo, com o qual tem um filho, mas não revela isso a ele, nem mantém a relação com ele, regressando só a Portugal, conduzem-na a uma situação de impasse, em que o pai parece estar sempre presente.

Dário havia sido uma referência para Laurentina até ela saber da existência de Faustino, com a revelação da carta de Dorotéia. Durante sua busca pela história de Faustino, que substitui Dário nessa posição de pai e falo, Dário dá a ela um depoimento para seu documentário, e conta com detalhes a estória que depois Laurentina vem depois a descobrir que era uma mentira.

Mais tarde, após a carta de Alima; o reencontro com Dário; a negação de um pai para seu filho, Laurentina mostra ter muito ressentimento em relação a seu pai, e não parece demonstrar ter uma saída para a situação.

Retomando Nasio, Laurentina teria aí duas possíveis escolhas, uma de aceitação e apropriação dos traços do pai e da mãe – no caso da(s) mãe(s) essa apropriação parece ter sido solucionada, e uma saída neurótica, histérica, com a identificação com o pai.

Agualusa nos dá algumas pistas nas relações afetivas que ela tem com o noivo e o primo, que, mesmo sendo poucas, parecem indicar que há aí uma busca pelo pai idealizado.

Bibliografia

FREUD, Sigmund - **Edição Standard Brasileira das Obras completas -** Rio de Janeiro-Imago,2006
Vol. I, Carta 71 – Universalidade do complexo de Édipo (195) Págs. 356 a 359
Vol. XX. Um estudo autobiográfico (1925)

LACAN, Jacques – **O Seminário Livro 5, As formações do Inconsciente –** Rio de Janeiro - Jorge Zahar, 1971

BLEICHMAR, Hugo – **Introdução ao Estudo das Perversões –Teoria do Édipo em Freud e Lacan** -Porto Alegre, Artes Médicas,1991

NASIO, J.D. – **Édipo o Complexo do qual nenhuma criança escapa**-Rio de Janeiro, Zahar, 2007

COUTINHO JORGE, Marco Antonio – **Fundamentos da Psicanálise, de Freud a Lacan, vol.2, A clínica da Fantasia,** Rio de Janeiro, Zahar, 2010

LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J. - **Vocabulário de Psicanálise**, São Paulo, Martins Fontes, 2001

Termos: Complexo de Édipo Pág.77, Fantasia Pág.169

AGUALUSA,José Eduardo – **As mulheres do meu pai**-Rio de Janeiro, Língua Geral, 2007

BIRMAN, Joel – **Palestra Lacan e Marx** – CEP – Setembro 2012

CENTRO DE ESTUDOS PSICANALÍTICOS

2° Semestre 2012

Ciclo IV

Aluno: Rogéria Neubauer de Carvalho

Título: "Como uma onda"

> *"Vocês trocaram sua liberdade pelo luxo de se sentirem superiores. Todos vocês teriam sido bons nazifascistas. Certamente iriam vestir uma farda, virar a cabeça e permitir que seus amigos e vizinhos fossem perseguidos e destruídos. O fascismo não é uma coisa que outras pessoas fizeram. Ele está aqui mesmo em todos nós. Vocês perguntam: como que o povo alemão pode ficar impassível enquanto milhares de inocentes seres humanos eram assassinados? Como alegar que não estavam envolvidos. O que faz um povo renegar sua própria história? Pois é assim que a história se repete. Vocês todos vão querer negar o que se passou em 'A onda'. Nossa experiência foi um sucesso. Terão ao menos aprendido que somos responsáveis pelos nossos atos. Vocês devem se interrogar: o que fazer em vez de seguir cegamente um líder? E que pelo resto de suas vidas nunca permitirão que a vontade de um grupo usurpe seus direitos individuais. Como é difícil ter que suportar que tudo isso não passou de uma grande vontade e de um sonho."* [2]

Este discurso foi retirado do filme "A onda", que conta como um professor de história, Rainer Werner, respeitado e cultuado pelos alunos por seus métodos liberais, no entanto, não consegue envolver o grupo em sua nova disciplina – Autocracia. Assim, com a intenção de tornar sua aula mais envolvente, propõe aos alunos uma arriscada experiência pedagógica: pede que o chamem de Sr. Werner, que adotem uniformes, que peçam permissão para falar, que alcancem uma maior união entre o grupo e, ainda, que criem um símbolo, um nome e uma saudação para representar essa nova doutrina. De início os alunos aderiram como se fosse um jogo, porém, em

2 Do filme**:** *Die Welle*. Direção Dennis Gansel. Rat Pack Filproduktion. Germany, 2008. (107 min).

uma semana, essa ideia toma conta do grupo antes que o professor, na função de líder, pudesse impedir um fim trágico.

Não é por acaso que esse filme já foi discutido por muitos. Também não é por acaso que esse assunto permaneça como um fantasma em grande parte de nós, seres humanos. A mesma questão que levou os alunos a praticarem a experiência autocrática soa como um pesadelo quando levantada a poeira de que a tragédia do genocídio nazista realmente existiu. E através desse pesadelo histórico podemos formular a seguinte pergunta: o que levou um excessivo número de pessoas a seguirem as palavras de um único sujeito, irem contra si mesmos e contra o maior direito que o homem possui - o direito à vida? Ainda bem que, em vez de recorrermos a uma didática de vivência tão perigosa, temos o recurso de discutirmos a partir de autores como Freud, que escreveu sobre o fascismo e com ele conviveu, e pensarmos como foi possível tamanha dominação em massa.

Para tanto, creio ser importante percorrermos alguns textos que fazem uma reflexão não só ao fato histórico, mas a formação da estrutura psíquica do sujeito e como essa estrutura pode ser reorganizada quando atrelada a um grupo. Elias Canetti escreveu durante 30 anos "Massa e poder" (1960), como tentativa de refletir sobre os terrores da Segunda Guerra Mundial. Em sua obra, Canetti revela a síndrome de sobrevivência, ou o desejo de continuidade do líder que domina um povo cego e passivo na obediência, mas violento a ponto de matar as vítimas contra as quais se atira sem remorso. O autor confere ao poder um vestígio de paranoia e de inflação que somente poderá ser equilibrado pela sua humanização, trabalho nada fácil. Canetti, em seu estudo, relaciona a depreciação monetária na economia alemã com a projeção de depreciação da vida dos não arianos - reduzidos a coisa nenhuma -, o que gerava um forte sentimento depressivo na Alemanha em crise econômica. Em "Psicologia de massas do fascismo" (1933), Reich realça a importância de preservar a liberdade individual, a responsabilidade e a independência, e associa a repressão sexual na educação com a ansiedade e a insegurança do indivíduo, que favorecem o autoritarismo.

Ernst Kretschmer, conhecido psiquiatra alemão, deixou a presidência da Sociedade Alemã de Psicoterapia em 1933, quando Hitler tomou o poder. "Há algo estranho sobre os psicopatas. Em tempos normais, escrevemos avaliações médicas sobre eles; em tempos de intranquilidade política, eles nos governam" [3], declarou na época.

Le Bon, em "Psicologia das massas" (1895), diz acreditar que as aquisições próprias dos indivíduos se desvanecem na massa, e com isso desaparece sua singularidade. Ele analisa o poder do líder como algo mágico e a capacidade humana de sugestionar-se, inerente à

3 Deidre, Bair. *Jung. uma biografia*. Vol. 1 São Paulo: Ed. Globo, 2006.

constituição de grupos; percebe a psicologia de massa como inferior à consciência individual. Diz que no grupo a emoção é contagiosa e libera mecanismos mais primitivos. Em “Psicologia das massas e análise do ego” (1921), Freud se pergunta sobre o poder de concordância da massa, acometida de pânico quando se dissolve devido à perda de ligação amorosa com o líder. Contudo, regimes fundamentalistas e autoritários aplicam acusações de maneira fanática, pois sem um inimigo violento não poderiam justificar sua própria violência. Em uma sociedade democrática, como a que acreditamos viver, podemos exercer a liberdade e sermos livres dessa dinâmica. Será?

O filme “A onda” contradiz essa certeza sugerida por uma sociedade democrática. Logo no início questiona se, nos dias atuais, as pessoas tidas como normais na nossa sociedade conseguiriam aplicar a crueldade e a indiferença com seus colegas. No desdobramento dos fatos, a afirmação se evidencia. A maneira de ser e estar em sociedade e as reações dos personagens revelam tendências e o mecanismo de comportamento de grupo. Para um melhor entendimento, proponho um olhar mais próximo sobre alguns personagens, lembrando que são apenas hipóteses para pensarmos como a subjetividade do individuo se esconde num grupo.

Os personagens...

- O professor, Rainer Werner, aproveita a oportunidade do poder superior e gratifica-se com o amor incondicional. Induz para alcançar objetivos na maior parte das vezes duvidosos. Percebe-se um aumento do ego atrelado ao prazer pelo domínio da massa.

- Anke, esposa de Rainer Werner, até então permanecia oculta, dedicada ao filho que está para nascer e ao marido. Porém, quando ela mostra a Werner que ele está gostando desse lugar de poder, onde ele é admirado e adorado, Werner responde com raiva, acusando-a de invejosa, dizendo que ela nunca acreditou nele por ele ter tido estudos inferiores ao dela. A ferida narcísica se expõe.

- Karo, uma das personagens principais do filme, é namorada de Marco. Claramente a mais segura da relação. Tem pais amorosos, porém os acha liberais demais e se desagrada com isso.

- Marco, personagem não menos importante, representa bem o tipo dominado. Não tem uma família muito estruturada, não tem pai e a mãe sai com rapazes de sua idade. Admira a família da namorada e procura o modelo de identidade no pai de Karo.

- Dennis, o diretor da peça teatral, antes muito inseguro, vai se afirmando e assumindo o comando.

- O suicida, Tim, desorientado, quer agradar sem ser valorizado pelo grupo. Na família, não há compreensão por parte dos pais. É criticado pelo pai. Encontra seu objeto identificatório - de amor - no líder e sente-se valorizado como guardião do mestre e do movimento. Parece disposto a morrer e a matar, se necessário, pelo grupo. Personagem trágico; favorece-nos a

pensar que não resiste à verdade e perde o que havia dado um sentido para a sua vida, o movimento “A onda”.

- Lisa, um tanto apagada, é amiga de Karo, Parece nutrir inveja da amiga. Defende as normas do movimento e alega a importância dos uniformes como unificação e igualdade. Contesta Karo com argumentações a favor do grupo. E acaba por seduzir o namorado da amiga. Com o ego mais fortalecido, vai se autoafirmando; porém, nitidamente, não se convence de sua real autonomia.

- Bomber, o gordo da turma, se transforma em um verdadeiro militar. Cria a saudação e, quando questionado porque agrediu o amigo, responde aflitivamente: “Você mandou!”.

Pensando a identificação...

A historicidade do ser humano, independente da sua origem topológica, há de se esbarrar em um mesmo denominador comum, a identificação. A formação do sujeito está diretamente relacionada à civilização em que vive, e a civilização, por consequência, está relacionada com os grupos que a compõem. Quando em “Totem e tabu” (1913), Freud fala do início dessa civilização, ele está de certa forma anunciando o processo pelo qual se dá a identidade do sujeito, ou melhor, a identificação do sujeito. É interessante observar a trajetória desse processo para tentar explorar a psicologia das massas. Quando falamos sobre identificação, mesmo que aleatoriamente, nos remetemos à palavra que nos trás a questão de afinidade - algum ponto que aproxime o seu Eu do Eu do Outro, ou do objeto ao qual nos identificamos -, e mesmo que sem nenhuma referência teórica, nos aproximamos da relação do conceito de identificação. Quando Freud explora o termo identificação, ele o considera como a mais antiga forma de afeto a outra pessoa. Ele desempenha um papel na pré-história do Complexo de Édipo. Não é à toa que a palavra identidade e identificação estejam interligadas não só etimologicamente. No livro, “Psicanálise, judaísmo: ressonâncias”, de Renato Mezan, ele difere as duas palavras entre si, porém mantém a ideia de dependência entre elas. A formação de identidade, à qual o sujeito se submete por consequência da sua história e de seu habitat, se dá desde o nascimento, em que, carregado do seu aparelho psíquico, sofre as influências da realidade externa. É valendo-se desse trajeto formador do aparelho psíquico que, juntamente com o mundo externo, se dará a formação de identidade. Para Mezan, a identidade se dá onde acontece o cruzamento do que vem de nós com o que vem de fora, ou seja, o mundo interno psíquico e a realidade que o universo nos oferece. Mezan considera dois sentidos da palavra: diferenciar e “tornar igual a”. É a partir desse “tornar igual a” que se permeia o sentido psicológico da palavra. Essa “identidade” que nos remete à alteridade; que provoca sentimentos de que algo está submetido a alguns momentos do existir e torna-nos partes da mesma vida, a de cada um de nós. Essa sensação de identidade associa-se a fenômenos de continuidade, como sentir-se sempre igual, embora transite entre tempos diferentes; impressão de ter limites, como por exemplo, limites do meu corpo, intuitivamente. Essas indicações que decorrem da identificação

parecem tranquilas, mas dependendo de sua manifestação, podem apresentar perturbações psíquicas em decorrência da estruturação de identidade. Acredito que, pensando nessas perturbações, Freud investiu em desenvolver como se constitui a identidade de um ser humano. Deparando com um fato histórico ao ponto de massificar uma ideia, podemos refletir em como se dá a identificação do sujeito, o seu papel na sociedade e a fragilidade que se esconde na identidade do indivíduo. Portanto, dependendo da sustentação dessa estrutura de identidade, o sujeito torna-se mais vulnerável à sugestionabilidade de uma identidade coletiva, ou melhor, uma personalidade grupal - uma massa psíquica. O funcionamento da identificação ganhou outras leituras depois de Freud (1921), mas a sua essência, que podemos resumir de três formas, permanece em todas as demais – forma primordial de ligação afetiva a um objeto; pela via regressiva onde se torna o substituto para uma ligação objetal libidinosa, como que através da introjeção total ou parcial do objeto no Eu; e surgindo a qualquer nova percepção de algo em comum com uma pessoa que não é objeto dos instintos sexuais[3]. Esse processo é de suma importância, pois o *eu* se constitui por meio das identificações que o sujeito determina no decorrer de sua vida, tornar o *outro* em si mesmo.

No grupo...

Freud sugere que, na massa o supereu fica enfraquecido, e salienta a ligação entre os sentidos psíquicos e sociais, chama atenção para a irracionalidade presente no inconsciente dos indivíduos, onde dá margem às ilusões que derivam dos desejos humanos. Em grupo, as ilusões tornam-se ferramentas de motivação. Constantemente, dão ao que é irreal prioridade sobre o real; perdem o discernimento entre o que é falso e verdadeiro. E é por meio dela que são estabelecidos laços afetivos com outros indivíduos. Os sujeitos envolvidos no grupo é que darão, segundo Freud, a sua constituição libidinal de massa. Pelo menos dessa massa a qual estamos refletindo a partir do filme, a massa que possuí um líder. Para ele, uma massa primária desse tipo é uma quantidade de indivíduos que puseram um único objeto no lugar de seu ideal do Eu e, em consequência, identificaram-se uns com os outros em seu Eu.[4]

Considerações finais.

Parece difícil conseguirmos encontrar respostas para algumas atrocidades quando estamos investidos em nossos objetos particulares. Mas temos que ficar atentos para perceber que o poder de um grupo seduz os nossos *ideais de eu* e nossos *supereus* criam forças para que o *eu* seja desinvestido em detrimento de nossos desejos grupais, que escondem os individuais. Para tanto vale pensar que esse tipo de dinâmica é uma possibilidade da estrutura psíquica e sua vulnerabilidade, talvez, nos assombre e permaneça eternizada na nossa psique.

3 Sigmund, Freud. Psicologia das massas e análise do eu (1921). São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
4 Idem, Ibidem, p. 76.

Bibliografia

BAIR, Deirdre. *Jung: uma biografia*. Vol. 1. São Paulo: Ed. Globo, 2006.

CANETTI, Elias. *Massa e poder*. São Paulo: Melhoramentos, 1983.

DIE WELLE. Direção Dennis Gansel. Rat Pack Filproduktion. Germany, 2008. (107 min).

FREUD, Sigmund. Psicologia das massas e análise do Eu (1921). São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MEZAN, Renato. Psicanálise, Judaísmo: Ressonâncias. São Paulo: Ed. Escuta, 1987.

REICH, Wilhelm. *Psicologia das massas do fascismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CENTRO DE ESTUDOS PSICANALÍTICOS

2° Semestre 2012

Ciclo V

Aluno: Patricia Vieira de Souza Santos

Título: "O outro"

Tratarei aqui da escuta, ou melhor, da dificuldade de escutar. Estou pensando nos seminários clínicos, em que meus ruídos internos se agigantam e eu, por vezes, me flagro muito irritada com os comentários de alguns colegas. Na verdade, de um colega em especial, que, quase sempre, coloca o analista como protagonista do processo de análise. É o analista quem erra, quem acerta, quem deve "escavar". Por que isso me incomoda tanto? Vou pensar sobre isso, neste breve trabalho, principalmente, junto com Gilberto Safra, Martin Heidegger e Emmanuel Levinás.

A princípio, identifico dois motivos: primeiro, porque me parece por demais cartesiano atribuir ao analista o papel de desvendar o outro por meio de seu saber – que, nesse caso, é sabido, e não suposto. Segundo, porque me parece assassinato da subjetividade do outro - que merece ter sua outridade preservada, em vez de ser domesticado. Mas há um terceiro, que é o que mais me interessa: a impossibilidade de escutar o mostrar-se do inconsciente, que tem tempo e desejos próprios, que ultrapassam o analista e o analisando. Ou seja, falo aqui de uma disposição exigida tanto de analista quanto de analisando para escutar o aberto, que é além deles.

É como se, cada vez mais, ficasse claro para mim (principalmente por conta da minha própria análise) como analista e analisando formam um par analisante, um par que, em posição de paciente (porque dele é exigida muita paciência), fica à espera, à escuta, testemunhando o desvelar do indefinível que vai dando notícias de si na tessitura da linguagem. Diante dessa toada insondável, é possível enquadrar certos movimentos, certos temas, certos motivos, como um arqueólogo que, em vez de escavar, aguarda que a raiz das árvores traga vestígios subterrâneos para a superfície.

Num dos últimos seminários clínicos, este colega ao qual me refiro, criticou a analista que apresentava o caso por ter deixado a paciente ir embora, pois ainda havia muito por escavar, era resistência etc. Certamente, no futuro, sem ter lidado com as questões fundamentais dela (para ele, muito claras e óbvias), ela repetiria, repetiria, enfim, acabaria muito mal. O julgamento severo

responsabiliza a analista pelo movimento de um navio que não está em seu poder e, mais que isso, ainda prevê o futuro. Não imagino como poderia ser mais onipotente.

Sou um pouco avessa ao conceito de resistência. Isso porque resistência, apesar de ser inconsciente, remete a um movimento individual e, no fim das contas, é como se o paciente quisesse emperrar um processo que lhe faria bem. Prefiro não pensar em resistência, mas num tempo que talvez não seja o de desvelar, mas de esperar. O tempo, especialmente em análise, é qualitativo e não quantitativo. Logo, é preciso ter em conta que o inconsciente tem um tempo próprio, um tempo outro, que não obedece à vontade, muito menos, do analista. Resistência, a meu ver, é uma só: à aceitação do desconhecido, do desconforto de estar em território estrangeiro ou com um estrangeiro.

A psicanálise pode muito pouco, é força minúscula diante da vida, da qual o inconsciente é parte ínfima. Sua eficiência se assenta na capacidade de sustentar atentamente a fala do outro, ou seja, na escuta verdadeira (ignorante do que aparece), que é continência de um jorrar, e na escuta do vínculo, da parceira e sua dança singular. Nesse sentido, aproxima-se de uma frase que um dia eu escutei, na época atribuída a Gandhi (não consegui encontrar em outra fonte, portanto, mantenho em suspenso a credibilidade do excerto) “quem considera que uma pequena atitude é insignificante, nunca esteve, no quarto de dormir, a sós com um mosquito”. Essa colocação é excelente porque o mosquito, em sua pequenez, obriga-nos a levantar, a nos mexermos, enfim, provoca deslocamentos.

Gilberto Safra, psicanalista winicottiano e ávido leitor de Heidegger, em sua obra *Hermenêutica na situação clínica – O desvelar da singularidade pelo idioma pessoal,* trata a condição humana por três vértices: estético, ético e sagrado. O homem, para Safra, é um ser paradoxal, ôntico-ontológico. No horizonte do psicanalista, está Ser e Tempo, obra em que Heidegger diferencia ontológico (registros do Ser) e ôntico (registros do ente). Ontológico é fundamento, é a priori, é o aberto. Ôntico são os acontecimentos da existência humana, que se dão no tempo e no espaço. A condição humana é paradoxal, portanto, pois tem um pé no ôntico, nos fatos biográficos, e um pé no ontológico, a dimensão do aberto. Se ouvimos o analisando como apenas ôntico, podemos achatá-lo, adoecê-lo, tapá-lo. Se ouvimos apenas como ontológico, podemos largá-lo na impossibilidade de existir em dimensões humanas.

“Há um fluir no homem que acontece em meio a estes dois registros : ôntico e ontológico. Esses registros revelam o homem, em sua estrutura fundamental, como paradoxo. Ser paradoxal, o homem é finito que anseia o infinito, limitado que vive o ilimitado, criatura que anseia por um criador. É um ser que vive entre agonias impensáveis e o terror do totalmente pensado**”,** diz safa em Hermenêutica na Clínica Contemporânea. Totalmente pensado pode bem ser “totalmente pensado (psicanaliticamente)”. Também obturamos o outro ao esquadrinhar sua vida, explicar sua

vida, resumir sua existência a um conflito edípico, a uma repetição etc. ainda que pareçamos muito sofisticados ao falar em traços disso ou daquilo, como se não estivéssemos explicando o inexplicável. Muitas vezes, definimos o outro, mas com eufemismos.

Em outro momento, Safra coloca "O aparecimento de um número cada vez maior de pessoas nos consultórios, que experimentam modos de subjetivação e de sofrimento inusitados, em consequência de processos educativos e, às vezes, até mesmo de tratamentos psicoterápicos ou psicanalíticos orientados por perspectivas excessivamente abstraídas da experiência de vida, aponta para a necessidade de uma revisão de nossa prática clínica. Esta problemática vem sendo assinalada, exemplarmente, pelos pacientes que afirmam sofrer a agonia do totalmente pensado. Eles se referem a um mundo em que tudo é excessivamente nomeado e racionalizado, sem que seja levada em conta a dimensão do ser humano que está para além de qualquer possibilidade de conhecimento e para além de qualquer tentativa de apreensão da experiência humana, por excessiva nomeação."

O trabalho do analista não é escavar, com uma marreta racional que nomeia e explica, racionaliza. O estranho ofício do analista constitui-se na obstinada *atividade da espera*, na recepção da vida, do outro. É uma postura de acolhimento, um fazer que é uma forma de recepção. Esse é o extraordinário do trabalho. Seu próprio movimento é a combinação de opostos: é uma atividade que se dá na passividade, um ir que é acolher, um dizer que é escutar. É uma atividade de pensar impelida pela invasão de pensamentos que lhe são externos e que se impõem, perturbam. Há uma anterioridade transcendente à sua atividade de pensar e seu pensamento é inaugurador desde a recepção. Sem apaixonamento pelo Mistério, pelo Outro, pelo encontro, pelo momento em que o pensamento encontra seu pensador, por Alétheia, não há trabalho. Ser analista, no fim das contas, é deixar-se interpelar, deixar-se alcançar por um outro ser. Por trás disso, há profunda gratidão por Esse que o alcançou. Eis um trecho de Heidegger (1987 – citado por Jorge Larrosa Bondía em *Notas sobre a Experiência e o Saber da Experiência* – 2004) que explicita o funcionamento desse pensar (analítico, aqui), que é posto em movimento por aquilo que dele se apodera:

"fazer uma experiência com algo significa que algo nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós, que nos tomba e nos transforma. Quando falamos em "fazer" uma experiência, isso não significa precisamente que nós a façamos acontecer, "fazer" significa aqui: sofrer, padecer, tomar o que nos alcança receptivamente, aceitar, à medida que nos submetemos a algo. Fazer uma experiência quer dizer, portanto, deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e submetendo-nos a isso. Podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo."

Heidegger pensou sobre a complexa imbricação entre Ser e Tempo e foi, ao longo da vida,

abrindo-se cada vez mais para uma refinada escuta do mostrar-se do Ser. O filósofo alemão aproximou-se do pensamento oriental, tornando-se o elo entre a Escola de Kyoto e o pensamento alemão, e retirou-se para a cabana na Floresta Negra a fim de fazer uma verdadeira experiência de pensar, baseada na escuta Desse que foi esquecido no pensamento Metafísico. Para Heidegger, tratava-se de fazer uma experiência com o mostrar-se de Tempo (o âmbito do aberto onde o destinar-se do destinado se dá) e Ser (enquanto doação de presença), Ser e Tempo, em seu relacionamento mútuo. O homem, no pensamento heideggeriano, é o destinatário desse mostrar-se, o homem é abertura, é aquele que é alcançado pela dádiva. E o homem é homem na medida em que recebe, que corresponde, percebe o que é dado, na medida em que fica no âmbito do aberto. Heidegger, claro, era poeta. Para ele, a linguagem é a casa do Ser, o vazio que permite que algo se mostre. Pensar é escutar e escutar é responder ao apelo do Outro. Quem escuta é convocado e isso é uma destinação.

O filósofo Emmanuel Levinás vai na mesma direção de Heidegger ao colocar a alteridade como o primeiro assunto da filosofia. Há uma mudança radical de perspectiva no pensamento levinasiano. A presença do Outro passa a ser o alicerce da noção de si mesmo. Isso significa que, para que o eu exista, é preciso, antes, dizer “sim” para o outro que nunca será apreendido totalmente, mas que se impõe no horizonte fazendo apelos (outro pode ser o outro ser humano que demanda análise, pode ser o inconsciente, pode ser a vida). O reconhecimento do outro na sua diferença implica em responsabilidade e se desdobra em liberdade, bondade e generosidade.

Aproximando Heidegger, Levinás e Safra, a arte da clínica é, antes de qualquer coisa, o acolhimento do outro enquanto mistério, é dar espaço para o desvelar de seu idioma pessoal para descrever o modo como a singularidade do ser humano aparece em seu modo de ser, seus gestos, em sua linguagem, enfim, seu estilo pessoal. É ver o outro como questão em caminho, da qual posso ser testemunha. E que papel importante. O olhar do outro é indispensável para que existamos. Um olhar que enxerga, em vez de impor, em vez de educar, prescrever, diagnosticar. Todo ser humano é uma questão inédita e é preciso respeitar isso radicalmente.

Maria Rita Kehl, no IV capítulo (A Recusa do Depressivo) de seu magistral O Tempo e o Cão, expõe sua clínica generosamente ao descrever um erro seu, com o paciente “D.”. Cito o parágrafo fundamental de sua descrição, que nos serve aqui: “Meu engano foi, em primeiro lugar, não ter valorizado suficientemente a iniciativa e a insistência do rapaz em buscar o espaço exogâmico da minha clínica, somadas a seu esforço em dirigir a palavra a um Outro não materno. Em segundo lugar, penso que errei por ter escutado as referências ao mundinho de D. apenas em sua dimensão regressiva, sem perceber que tal regressão talvez fosse a primeira condição, ainda que ambivalente (perigosamente perto da mãe), de sua resistência a se fazer instrumento do gozo do Outro. Se ele tivesse tipo tempo de falar da singularidade desse gozo parcial e secreto, por mais pobre que fosse a fantasia que o sustentava, por mais regressivo que fosse o caráter autoerótico

de seu isolamento, talvez D. houvesse tido a oportunidade de entender o valor de sua recusa." De todos os erros possíveis de um analista, talvez Kehl tenha descrito o mais fundamental... não ouvir o outro em sua outridade e auxiliá-lo a se fortalecer nela.

Volto a Safra: "Do ponto de vista clínico é crucial compreender a importância de auxiliar o paciente a reconhecer o seu lugar em sua história, no seu modo de ser e nas questões que atravessam a sua família ao longo das gerações. No momento em que o paciente se reconhece ocupando este lugar, ele passa a ter uma posição a partir da qual pode ter a experiência de diálogo com as vozes que o constituem". (...) "O analista é o Outro que reconhece o lugar do analisando em sua história, o que lhe permite uma posição a partir da qual pode agir."

Acho importante, neste momento, frisar a palavra "diálogo" usada por Safra nesse trecho. O sentido do termo "diálogo" se faz ouvir. Na acepção mais arcaica da palavra está a ideia de que a palavra une e pode manter vivo o vínculo. É diferente de discussão, cuja raiz é a mesma de percussão, concussão: quebrar, que tem a competição como fim. Etimologicamente, "Diálogo" é resultado da fusão das palavras gregas "dia" e "logos". Dia significa "através de". Logos, em latim, foi traduzida como ratio (razão). Mas há muitos outros significados, entre eles: "palavra", "expressão", "fala", "verbo" e, especialmente, "significado". Originalmente, logos teria o sentido de "relação", "relacionamento". Diálogo seria, portanto, algo como significado que perpassa, que une. Nesse sentido, é vizinha da ideia de comunhão. Comunhão via pensamento-conversa à escuta da Fala.

Podemos pensar que, estar com o outro, verdadeiramente, ou seja, aceitando a sua alteridade como é, com seu ritmo, forma e linguagem próprios, é dialogar. É permitir que o outro costure em sua história pedaços cindidos de si.

O outro é sempre um outro ser, que é mistério. É preciso enxergar para além da patologia. O foco está em criar um solo fértil para que o outro seja, para que possa sustentar seu verdadeiro self.

Termino com um trecho inédito de *O Koisa*, de Hilda Hilst, publicado na Folha de S. Paulo, em 12 de janeiro de 2002, e citado por Maria Cristina Ocariz em seu livro *O sintoma e a clínica contemporânea – O curável e o que não tem cura,* muito pertinente nessa discussão:

Amo-te ó Das Ding
mesmo não te sabendo, não te conhecendo
te amo a cada instante novo, a cada instante outro
a cada instante ovo e semente
um não sei quê atrás de outro
um toque, um espadachim,

um rojo de papoulas, um branco de rolas
um rodar de dervixes
um sono-acalanto-glorioso de cantos e gnomos
um não saber de si hegeliano
de vazios, de sombras e de haxixes?
***

PS.: Minha irritação com o colega de seminário clínico, claro, também me provoca e me coloca nesse exercício.

Bibliografia

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a Experiência e o Saber da Experiência . Revista Brasileira de Educação, nº 19, 2002

KEHL, Maria Rita. O Tempo e o Cão: a atualidade das depressões – São Paulo: Boitempo, 2009

MARONI, Amnéris. A Psicologia dos Abismais (Xamãs na Contemporaneidade). Publicado em: http://amnerisamaroni.wordpress.com/2012/09/28/a-psicologia-dos-abismais/

SAFRA, Gilberto. Hermenêutica na Situação Clínica: o desvelar da singularidade pelo idioma pessoal – São Paulo: Edições Sobornost, 2006

CENTRO DE ESTUDOS PSICANALÍTICOS

2° Semestre 2012

Ciclo VI

Aluno: Adriana Meyer Barbuda Gradin

Título: "A escuta psicanalítica e o nó borromeano de Lacan"

- INTRODUÇÃO: O *NÓ BORROMEANO* DE LACAN

Lacan trouxe à Psicanálise a noção do *nó borromeano* após introduzir a sua trindade do *Real, Simbólico e Imaginário* em uma Conferência de 1953, retomando-a no Seminário R.S.I. de 1974-75, como "*três registros heterogêneos que constituem o aparelho psíquico*"[4] Segundo Lacan, o funcionamento psíquico do ser humano encontra-se estruturado nesses três registros, destacando que o sintoma advém do entrelaçamento entre eles, em virtude de um efeito do simbólico no real.

Usando essa conceituação teórica de Lacan com o objetivo de trazer à lume a potencialidade transformadora que possuem o Olhar e a Escuta Psicanalítica ao incidirem em uma situação concreta, far-se-á a estruturação do presente trabalho em três direções, como se estas pudessem ser entrelaçadas em um "nó borromeano", no qual há um vinculo de interdependência e interação entre elas.

Nos três pontos a seguir desenvolvidos serão mostradas as interações entre esses três registros em casos concretos – um caso clínico, um filme e um livro - sobretudo porque, nestas situações, houve uma ampla modificação da situação subjetiva dos indivíduos envolvidos, viabilizada por um trabalho analítico ou terapêutico, que possibilitou a três criaturas em vivência de forte angústia e inibição, funcionando nos registros do ***Real*** e do ***Imaginário***, nominarem a sua situação particular, passando a atribuir novos sentidos à sua condição psíquica, em virtude do acesso ao ***Simbólico***.

Esses três casos têm em comum, como elo de ligação, o fato de terem sido marcados por uma **escuta analítica**, que atingiu os personagens envolvidos de forma tão intensa e genuína, dando um novo rumo às suas existências...

A dedução do presente trabalho será dividida nos seguintes três pontos:

[4] in Lacan, O Grande Freudiano, Marco A. Coutinho Jorge e Nadiá P. Ferreira, Ed. Zahar, pg. 30

1) a abordagem de um caso discutido em Seminário Clínico no curso desse semestre, no qual uma criança de 4 anos, diagnosticada como Autista, recebe um olhar psicanalítico do qual deriva o questionamento do seu diagnóstico, havendo uma franca melhora da sua comunicação com aqueles que com ela convivem;

2) a apreciação do conteúdo do filme francês ***"Confidências muito íntimas*** (*Confidences trop intimes*, 2004), no qual uma mulher angustiada, dirigindo-se a uma consulta psicanalítica, entra na sala errada de um prédio, contando toda a sua história de vida e de dor, por equívoco, a um Advogado de direito tributário, o qual a escuta atentamente sem que ela lhe dê a oportunidade de desfazer o mal-entendido... Inusitadamente, as "sessões" continuam e a vida dos dois é modificada em definitivo...

3) e, por fim, a ligação dessas duas situações ao quanto narrado no livro "*DIBS: Em busca de si mesmo"*, no qual um menino de 6 anos, então diagnosticado como "retardado mental", tem a sua vida transformada profundamente por um processo de escuta do qual faz emergir um sujeito completamente adormecido, que, até então, não se comunicava com qualquer pessoa.

Cumpre abordarmos, em caráter preliminar, ainda que de forma bastante resumida – face à proposta deste trabalho - os conceitos já fincados na teoria psicanalítica acerca do Real, do Simbólico e do Imaginário para adentrarmos nos casos acima elencados.

- OS REGISTROS DO REAL, SIMBÓLICO, IMAGINÁRIO EM LACAN

Segundo Jacques Lacan, o ***Real*** é aquilo que está fora do simbólico, ou seja, "*o impossível de ser simbolizado".* É da ordem do não-sentido ou não-senso radical. Lacan dirá que ele é o sentido em branco, a ausência de sentido ou, até mesmo, o impensável, em contraponto ao ***Simbólico***, que é do campo do duplo sentido e do ***Imaginário****,* que é o sentido unívoco.

No âmbito da Psicanálise, não há que se confundir o conceito de Real com a noção de Realidade, a qual, para existir, precisa da confluência dos três registros – do Simbólico, do Real e do Imaginário. Ao contrário da realidade, o real existe por si mesmo, não precisando dos outros campos, pois ele basta a si mesmo, escapando ao nosso desejo e ao nosso poder.

O campo do real é o campo da "coisa" ("Das Ding"), daquilo que não é nomeável, daquilo que escapa à simbolização, isto é, não pode ser descrito por palavras. Ele "*se inscreve na estrutura como aquilo que faz buraco".*[5]

[5] in Lacan, O Grande Freudiano, Marco A. Coutinho Jorge e Nadiá P. Ferreira, Ed. Zahar, pg. 31

> "... o real é precisamente aquilo que não pode ser representado nem por palavras nem por imagens: ao real falta representação psíquica.[6]

O Real é aquilo que insiste em não se inscrever, um furo que se mostra diretamente na psicose e apenas indiretamente na neurose. No imaginário há inscrição, no simbólico também! No Real não há inscrição, há o vazio...

Já o Imaginário refere-se a tudo o que diz respeito à imagem do corpo sem a mediação da palavra, reduzindo as relações humanas à noção do espelho... por isso no imaginário reina a lei do transitivismo, onde o "eu" se torna sinônimo do outro.

O registro do imaginário é constituído de imagens, de fantasias, de crenças, de ilusões, de impressões, de conceitos e preconceitos, vez que, algum tempo após o nascimento, toda imagem captada por um bebê através do seu olhar - seja de um objeto ou pessoa - é inscrita e registrada no seu psiquismo, com base em uma relação dual. Esse registro compreende a abordagem freudiana sobre o narcisismo.

Segundo Lacan, a primeira constituição ou estruturação do imaginário se dá na experiência do estádio do espelho, momento no qual a imagem do outro no espelho possibilita que a criança antecipe o domínio sobre o seu corpo através da identificação com o modo pelo qual o outro a percebe.
Para Lacan, ao olhar o espelho, a criança estabelece uma relação especular e de totalidade imaginária, já que a imagem por ela captada vem apaziguar esta sensação de incompletude e fragmentação de si, passando a vivenciar uma sensação de unidade imaginária que vem inaugurar a sua subjetividade.

O próprio Eu se projeta nas imagens em que se espelha...

Assim, se o corpo despedaçado, sem unidade, pode ser definido como o corpo ***real***, pulsional, sem sentido, a noção de UM adquirida no estádio do espelho, por ser alucinatória, traduz o corpo ***imaginário***, no sentido do "*o eu é o outro*" de Lacan.

Podemos dizer, em termos lacanianos, que este é o momento do início do ser e a metáfora da condição humana pode ser apreendida como esta miragem um tanto alucinatória que criamos diante de um ***Real*** insuportável!

A rigor, o estádio do espelho contempla uma relação do bebê com seu semelhante (normalmente,

[6] idem, pag.32

a mãe), como uma relação a dois e em registro ***imaginário***, o que possibilita uma demarcação da totalidade do seu corpo.

Ocorre que, faz-se necessária a entrada do pai (2º tempo do Édipo) nessa cena inicial de completude narcísica, com a finalidade de romper essa relação dual, e, desde que esta entrada de um terceiro seja legitimada pela mãe, *a posteriori,* dar-se-á o acesso da criança à linguagem e o seu ingresso na cultura.

O Édipo demarca, portanto, uma passagem do registro ***imaginário*** ao ***simbólico***, haja vista que os desejos da criança passam primeiro pelo outro refletido no espelho, o que equivale a dizer que a criança apenas faz a aprendizagem da ordem simbólica através da ordem imaginária, e, por fim, aceita o seu fundamento, que é a lei.

O campo do simbólico é o campo da linguagem, escrita e falada. Pode-se afirmar que, mesmo antes de nascer, o indivíduo já se encontra sob a marca de um discurso, vez que cada bebê que nasce já vem inserido em uma cadeia simbólica representada pelo desejo de seus pais, pela fantasia que acompanha seu nascimento e, ainda, pela cultura, língua e classe social na qual está imerso.

Segundo a teoria de Lacan, para entrar no universo do simbólico "*é preciso que a criança ocupe o lugar de falo – isto é, o lugar de objeto do desejo da mãe*".[7] Isso é imprescindível para o processo de humanização do ser falante.

Tanto no caso concreto de Estela, quanto no tratamento de DIBS, a seguir abordados, é bastante claro que esse processo de humanização não chegou a ocorrer com essas duas crianças, presas ao ***real***, que, ao nascerem, não conseguiram ocupar esse lugar de objeto de desejo de suas mães, jamais sendo erigidos ao lugar de falo por elas, sendo bastante significativo que, em ambos os casos, recusaram-se a falar... e ofereceram ao mundo, durante longo tempo, *apenas o silêncio*.

Anna, por sua vez, como será visto, ficou presa ao registro ***imaginário.***

- O CASO CLÍNICO DE ESTELA

Como primeiro objeto do presente trabalho, cumpre trazer à lume um caso relatado em Seminário Clínico, no qual uma Professora de Educação Infantil, ao lidar com uma criança de 4 anos, diagnosticada como Autista, lançou-lhe um olhar diferenciado de todos aqueles que a menor já havia recebido em instituições e, até mesmo, em sua própria casa, pelas figuras parentais.

[7] in Lacan, O Grande Freudiano, Marco A. Coutinho Jorge e Nadiá P. Ferreira, Ed. Zahar, pg. 51

Lançou-lhe a Professora, pela primeira vez, um olhar psicanalítico, que veio a constituir *aquela que foi olhada*, como *sujeito desejante* e, por conseqüência, como *Psicanalista*, aquela que lhe *lançou o olhar*.

Narrou a referida Professora que a Mãe da Criança – menor que passo a nominar de Estela (nome fictício) - ao inscrevê-la na Instituição Escolar, descrevera que a mesma não tinha habilidades para se alimentar sozinha, não conseguia se comunicar, nem compreender o que lhe era dito, não conseguia ingerir sólidos, nem demonstrar afeto e receber demonstrações de carinho e, ainda, que não permitia a aproximação de outras pessoas. Tratava-se, no relato da genitora, de uma criança extremamente comprometida em suas capacidades psico-físico-motoras.

Ao chegar à Escola, constatou a Professora que, apesar de apresentar movimentos de braço expressando sua angústia, similares a uma criança autista ao tentar de comunicar com os outros, debatendo-se em diversos momentos, Estela compreendia, sim, todos os comandos por ela emitidos para os demais alunos, no sentido de se levantar, ir a outros lugares da Escola, ir ao banheiro, pegar objetos escolares, etc.

Observou que Estela não tinha qualquer problema físico que a impedia de engolir sólidos, mas, sim, que não havia sido ensinada a mastigar e a deglutir; observou que, com o passar do tempo, a menina conseguia ir ao banheiro, andando de forma autônoma; verificou que todas as ordens emitidas pela Professora eram por ela acatadas, ainda que com a limitação de sua condição.

Começou a questionar o diagnóstico de autismo que havia sido inscrito em Estela, sobretudo porque, em seus exames, não havia qualquer indício de problema físico-orgânico que apontasse para a existência de danos neurológicos irreversíveis. Passou a incluí-la nas atividades cotidianas com as demais crianças, convocando-a a participar da vida escolar e superar as suas limitações.

A história familiar de Estela apontava para o seu nascimento no seio de uma família que vivia em condições precárias, sendo a mãe e o pai costureiros que tinham uma pequena oficina no fundo do quintal de casa, trabalhando muitas horas por dia em um local de intenso barulho, no qual era deixada a Menina, enquanto bebê, sozinha e sem cuidados, por longos períodos, até que a mãe tivesse um intervalo.

Segundo a Professora, apesar de ser a mãe uma costureira, Estela comparece à Escola com roupas largas, maiores que o seu tamanho real, provavelmente “herdadas” de uma criança mais velha, sempre parecendo se tratar de roupas de menino por portarem emblemas e desenhos masculinos.

Analisando o caso clínico, constata-se haver uma situação de amplo desamparo e falta de olhar materno para Estela, sendo fácil constatar que não houve, no caso, sequer a constituição de uma célula narcísica entre mãe e filha que pudesse gerar a libidinização do seu corpo de bebê, permanecendo a Criança em uma condição de bebê não marcado pelo desejo materno.

Verificou-se, ainda, por alguns detalhes do caso, a dificuldade da Mãe em lidar com uma filha do sexo feminino, não conseguindo sequer vestir o seu corpo de menina com trajes que poderiam ser confeccionados pela própria mãe, na condição de costureira, até mesmo com restos de tecido, mas que portassem a identidade da sua filha, quer em tamanho, quer em gênero. Havia, a rigor, uma questão do *imaginário* da mãe, apontando para um lugar de desejo destinado a um bebê do sexo masculino, desejo esse não preenchido com o nascimento de Estela.

Esse desejo por um filho homem, certamente, impedira a mãe de Estela de se conectar com aquele bebê do sexo feminino, assim como ocorrera com a personagem de Tolstoi, Madame Bovary, que idealizou de tal forma um filho homem ("ele seria forte e moreno e se chamaria Georges") que, ao verificar que dera à luz uma filha mulher "virou a cabeça e desmaiou"...[8]

Apesar de freqüentar a APAE ostentando o diagnóstico de autista, Estela, nessa nova escola, em um dia difícil, ao final da aula, vendo uma colega ir embora com a mãe, faz um gesto com a boca, correndo atrás da amiga. Captando a mensagem, a Professora, de imediato, diz à Colega que ela está lhe pedindo um beijo, e a amiga lhe oferece um beijo e um abraço. Estela, então, bate os braços novamente, agora demonstrando o desejo de também dar-lhe um beijo, oferecendo à Colega o seu afeto, em uma manifesta evolução do seu "quadro".

O que acontece com uma criança que não consegue ocupar um espaço no desejo materno? Que, ao nascer, não tem um lugar de "falo" para sua mãe e, por conseguinte, não faz com ela uma célula narcísica, fazendo uma dupla? – essa indagação se apresentou para o Grupo que acompanhou o caso.

A bem da verdade, apenas afirmar que a criança foi rejeitada ou não aceita pelos entes parentais, nada significa em termos de entendimento do seu mundo interior, fazendo-se mister lançar sobre esse ser um olhar e uma escuta que possam tirá-la da invisibilidade na qual se instalou e, mais ainda, instá-la a sair do silêncio.

O que há de ser ressaltando, objetivamente, quanto ao caso de Estela – que poderia ser abordado sobre diversos ângulos (narcisismo não constituído, imagem inconsciente do corpo comprometida, rejeição materna, falta de acesso à linguagem por complicações no Édipo) – é que houve uma

[8] Gustave Flaubert, in Madame Bovary, pag. 118

modificação da inscrição daquele Ser em seu meio circundante a partir do momento em que a sua Professora resolveu deter-se na singularidade daquele ser.

O Olhar e a Escuta Psicanalítica, a rigor, mudaram a sua história pessoal...

- O FILME

O filme ***"Confidências muito íntimas"*** inicia-se com a cena de uma mulher (Anna) de cerca de 40 anos caminhando resoluta para se consultar com um Psicanalista. Ocorre que, ao ingressar no prédio, acaba – "sem saber" - entrando na sala errada, adentrando abruptamente na sala de um Advogado da área tributária (William Faber).

Começa Anna a contar a Faber, sem interrupções e em forma de um desabafo, todas as suas aflições e segredos mais sombrios, especificamente o que denomina de sua problemática relação afetiva com o marido, dizendo-lhe que chegou a um estado de emergência pessoal. Antes que ele possa protestar, ela começa a expor os mais íntimos detalhes de seu casamento e de sua vida sexual..

O Advogado, apesar de surpreso com aquele ingresso decidido em sua sala e da narrativa ininterrupta que lhe impossibilitara de apontar o engano da "paciente", não consegue deixar de prestar atenção em todos os detalhes do relato daquela mulher deprimida e atormentada. Ao final do seu desabafo, Anna enuncia que retornará no mesmo dia e horário na semana seguinte e o envolvimento de Faber naquela situação é tão intenso que ele a "atende" novamente em uma outra consulta. Depois do segundo encontro, porém, ela desaparece.

Interessado na vida de Anna, mas ao mesmo tempo preocupado em desfazer o engano, o advogado procura o verdadeiro Analista do prédio, na sala vizinha à sua, para acessar o numero do telefone de Anna, a qual, ironicamente, havia indicado o número do telefone do canal do Clima/Tempo, o que o impede de contatá-la.

Ao descobrir a verdade sobre a identidade do advogado, Anna o procura para esclarecimentos, dizendo ter se sentido violentada com aquela situação. Porém, para deixar a situação ainda mais inusitada, os dois continuam se encontrando em sessões marcadas pela escuta, como acontecera na primeira consulta.

A relação entre o casal de protagonistas vai se aprofundando e vão surgindo várias intervenções e indagações nos encontros que se sucedem. Ele a ouve pacientemente e Anna percebe, então, que nunca encontrara alguém que se dispusesse a ouvi-la dessa forma. A rigor, em uma das sessões, relata que ficara muito tempo "sem amar nem odiar", sem sentir nada, pois a sua mãe, que com ela morava em um trailer durante a sua infância (após a morte do seu pai), costuma receber homens à noite e a deixava, por horas a fio do lado de fora, "*como se ela nem sequer existisse*".

Acontece uma entrega tão peculiar e única entre os dois que o espectador passa a perceber uma lenta transformação da maneira de Anna se comportar, falar sobre as suas angústias, o que se reflete em seu gestual, seus sorrisos, suas roupas (que vão ficando mais claras) e até a sua fisionomia, que fica mais leve com o passar das sessões.

O mesmo acontece com Faber... Aquele que ostentava a condição de Advogado, ao encontrá-la, coloca-se no lugar de Analista e até o seu ambiente de trabalho passa a refletir essa modificação interna.

Assim como no filme, não podem restar dúvidas de que a constituição da escuta psicanalítica e, por conseguinte, a formação de um Psicanalista, não raras vezes emerge de uma situação concreta, prática, de troca real entre uma dupla, que pode até mesmo ocorrer de uma maneira não planejada e inesperada.

O mais interessante é que o filme enseja uma certa margem de dúvidas sobre se poderia emergir daqueles encontros algum tipo de relação amorosa entre Faber e Anna, dado o envolvimento genuíno entre ambos e o trabalho daquela dupla para que Anna encontre o seu desejo.

No final do filme, Anna liberta-se do seu vínculo doentio com o marido e Faber vai encontrá-la, já em outra cidade, à beira-mar ... ele monta ali o seu espaço de trabalho, ornado com um divã e a convida para ir lá para conhecê-lo.

A grande surpresa é que Anna deita-se no divã e ambos começam a conversar, dando a entender que aquela relação analítica iria perdurar ainda por muito tempo...

- DO LIVRO "*DIBS: EM BUSCA DE SI MESMO"*

No livro em apreço, é narrada a história de um menino de 6 anos que começa a freqüentar a escola em condições extremamente precárias, sem falar uma palavra, sem interagir com as outras crianças e com as professoras, sem manifestar qualquer interesse em participar de atividades coletivas...

DIBS circulava pela sala de aula engatinhando entre as outras crianças e apenas pegava os objetos que lhe eram mostrados após serem eles depositados em alguma mesa ou no chão, jamais recebendo nada em mãos acaso entregue por uma Professora ou outro aluno.

Devido às tentativas infrutíferas de acessar a criança, fazendo-a reagir de algum modo, as Professores de DIBS e a Coordenadora da Escola decidem convocar uma "Terapeuta" para com ele trabalhar. Esta, então, marca uma primeira entrevista com a mãe de DIBS, a fim de conversar sobre o tratamento que será adotado (ludoterapia), o que é aceito pela Mãe, embora sem qualquer crença na melhora do filho.

As informações sobre o paciente, seu filho, são passadas de forma completamente distante à Terapeuta; são fornecidos dados quanto à data do seu nascimento, "*Seu lento progresso. Seu retardamento óbvio e a possibilidade de uma deficiência orgânica."* A Mãe deixa claro que "*não esperava nenhuma alteração nos dados fornecidos. Pelo menos nenhuma melhoria*", limitando-se a, "*em nome da ciência*", oferecer o próprio filho para a finalidade de fornecer àquela Terapeuta "*dados para estudos*" (pg. 44).

As sessões de ludoterapia se iniciam...

Ocorre que, por uma dessas situações transferenciais apenas vivenciadas pela dupla envolvida no processo de escuta, a Analista passa a acreditar no potencial daquela criança, que vai ganhando espaço, lentamente, para poder se manifestar quanto a suas dores e angústias mais profundas, seja mediante a sua interação com tintas, seja com brinquedos de variados tipos.

A Analista lê nos olhos de Dibs uma força que quer "*protestar contra a permanência de portas trancadas*" em sua vida e vê nele uma firme disposição de abri-las. E, com o andamento das consultas de ludoterapia, que acontecem um vez por semana, a Analista vai "*percebendo as inúmeras portas que sua mãe fechara na sua vida."* - assim como, certamente, acontecera com a mãe de Estela (1º caso narrado).

Dibs começa, aos poucos a falar e demonstrar um conhecimento avançado de leitura, apesar de todos acreditarem, até então, que ele não sabia falar e ler. Ele passa a mostrar dons intelectuais muito superiores à média, mas apenas os revela quando se encontra em consulta com a Terapeuta, na sala tão querida de ludoterapia.

A Terapeuta tenta, ao longo do trabalho, fazer com que DIBS encontre suas próprias vontades como sujeito de desejo, sem lhe impor algum modelo a ser seguido, nem seus desejos próprios ao pequeno paciente; sem influenciar a sua vida como um substituto de um eu ideal. Funciona, pois, como um verdadeiro tratamento analítico, à luz dessa verdade: "*ninguém conhece realmente tanto do mundo interior de um ser humano quanto o próprio indivíduo". (pág. 87)*

Apresentando DIBS alguma melhora, a sua Mãe marca uma entrevista com a Analista, trazendo-lhe notícias mais detalhadas sobre a chegada de DIBS ao mundo.

Inequivocamente, a frase mais chocante e aterradora formulada pela mãe, em franco desabafo, é a seguinte:

> "... nunca pude entender Dibs. **ELE FOI UMA ESPADA NO MEU CORAÇÃO – tal o desapontamento que me trouxe com o seu nascimento.**
> Não tínhamos planejado ter uma criança, sua concepção foi um acidente. Ele desmoronou todos os nossos sonhos. Tinha a minha carreira profissional também. Meu marido vivia muito orgulhoso das minhas conquistas. Éramos um casal muito feliz **ANTES DE DIBS**. **Mas que bebê estranho ele era quando nasceu. Tão grande e tão feio. Tão grande e sem forma, COMO UM PEDAÇO DE QUALQUER COISA.** Não reagia a nada. De fato, rejeitou-me desde o exato momento em que nasceu. Ele se endurecia e gritava cada vez que o tirava do berço. (pag.111)

Com essa declaração, fica marcada a falta de lugar de DIBS no seio daquela família, no desejo dos seus pais, que o rejeitaram desde a descoberta da sua existência.

E a mãe contou, ainda, que ela e o pai, ao constatarem as limitações iniciais de DIBS ("**Tão peculiar! Tão estranho! Tão excêntrico**. Tão intocável. Sem falar. Sem brincar. Atrasado no andar. Batendo nas pessoas como um animalzinho selvagem), decidiram afastá-lo do convívio de todos, *in verbis:*

> Não queríamos que nenhum dos nossos amigos SOUBESSE COMO ERA DIBS. Afastamo-nos, mais e mais, do convívio com nossos colegas, porque, se eles continuassem a freqüentar a nossa casa, naturalmente, iriam ver o bebê. E não desejávamos que ninguém o conhecesse. **Seria uma humilhação catastrófica!** Havia perdido toda a confiança em mim mesma. E já não poderia continuar o meu trabalho. Sabia-me incapaz de realizar uma operação de novo. (pág.113)

A mãe afirmara, ainda, que sentia vergonha de DIBS, declarando que ele era uma criança "muito difícil de entender".
Passando a compreender, ainda mais, a dor vivenciada por DIBS no seio daquela família que o recebera sem qualquer desejo, ressalta a Terapeuta que: "*A pressão que ele havia suportado fora suficientemente violenta e forte para impelir qualquer criança a uma desistência da busca de si mesmo*". (pág.221)

Após algum tempo de escuta marcada pela abstinência da Terapeuta e pela busca pela singularidade de DIBS, reconhece a mãe de DIBS que ocorreu uma profunda transformação: "... E foi ele quem primeiro se modificou. **Ele teve que se tornar maior que eu.** As atitudes e sentimentos do pai também se alteraram. Havíamos construído paredes altas em volta de nós – de cada um de nós. Não apenas Dibs". (pág. 223)

Dibs havia sofrido amargos momentos; vivido por um período de sombras em sua vida. Teve, entretanto, a oportunidade de libertar-se da escuridão e descobrir por si que poderia enfrentar as sombras e a luminosidade do sol em sua vida... (pág.283) e isso tudo apenas foi possível face à sua escuta psicanalítica.

- O ELO ENTRE OS 3 CASOS. O NÓ BORROMEANO.

O que pode ser citado como ponto comum entre estes 3 casos?

Em primeiro lugar, o que os conecta é a existência de um primeiro momento marcado por uma profunda angústia, impossível de ser contida, de ser nominada, que se manifesta no corpo de Estela (criança que se apresenta ao mundo como Autista), no corpo de Anna (que não era considerada por sua mãe, que a deixava esquecida ao relento, por horas, enquanto tinha encontros amorosos e que não consegue mais sorrir e viver a sua vida, encontrando-se aprisionada) e no pequeno corpo de Dibs (que não aceita a rejeição que os pais lhe oferecem e, por isso, vive "em uma concha", deixando de falar e interagir com todos à sua volta).

Os três personagens vivem um pesar profundo, inexprimível, sem contorno, inominável, sem palavras que possam dar qualquer simbolização àquilo se apresenta como dor implacável e atroz dentro de cada um deles.

Em um período da vida dos três, eles enfrentaram a sensação de ***não existir.***

Segundo a teoria psicanalítica, a díade inicialmente formada pela mãe e o bebê denota-se fundamental para o desenvolvimento da criança, sobretudo face às funções desempenhadas pela mãe no sentido de decifrar as necessidades do bebê, seus tipos variados choros e movimentações diversas, atribuindo a elas uma nomeação e um conteúdo psíquico (papel tipicamente *atributivo* da mãe).

E, além dessa *atribuição* materna, há ainda, por parte do bebê, a reprodução de comportamentos vivenciados pela mãe (sorrisos, reações de susto), como em uma imitação, em um manifesto *transitivismo* da função materna, sendo certo que, a partir dessa troca, tanto a mãe quanto o bebê passam a supor a existência um do outro.

Em Psicanálise, é assente que o narcisismo primário do bebê é diretamente decorrente do narcisismo dos pais[9] e que, portanto, ele se alimenta da imagem deles, ficando, pois, adstrito a um *Eu Ideal* por eles desejado e vinculando a sua imagem corporal ao registro do ***imaginário***.

[9] Freud, Sigmund, in Sobre o Narcisismo: Uma Introdução", Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol.XIV, Ed Imago

Mediante o processo de castração simbólica - com o ingresso do pai (sob a forma da metáfora do Nome do Pai) na díade mãe-bebê, como uma figura interditora daquela completude alienante - estabelece-se, então, a marca da incompletude, que tem o condão de abalar o narcisismo primário e ensejar a subseqüente e incessante busca de reencontro da perfeição narcísica um dia vivenciada. Para tanto, ocorrem os processos de identificação com o outro (figuras parentais e substitutos) e, como conseqüência, emergem o *Ideal do Eu*, a lei e o simbólico.

Equivale a dizer que o narcisismo estrutura-se a partir de um Eu Ideal/***imaginário*** em direção a um *Ideal do Eu*/***simbólico***.

Em relação a Estela, como dito, poder-se-ia afirmar que a vivência do seu 1º tempo do Édipo teria sido marcada por uma manifesta falta de lugar no desejo materno, o que se expressava nos longos períodos de abandono a que submetia a sua filha recém-nascida em um ambiente intrusivo, marcado por fortes barulhos de máquina de costura, sob a justificativa de que o fazia por necessidades financeiras. Isso acrescido ao fato de vesti-la, quando maior, como um menino, ainda que pudesse confeccionar para sua filha, mesmo que com retalhos, roupas que apontassem o seu gênero.

Do ponto de vista do psiquismo de Estela, essa angústia difusa, sem contenção materna, afigurou-se no registro do ***Real*****,** sem qualquer possibilidade de nomeação, dada a forte configuração do vazio que vivenciou em seus primeiros meses de vida.

A própria imagem que Estela poderia fazer de si - do seu corpo e de suas habilidades motoras - encontrava-se inteiramente comprometida, nem sequer chegando a se constituir inteiramente o seu narcisismo primário. A menina, na verdade, jamais fora considerada o falo da mãe, a qual, por conseguinte, não poderia vivenciar *ter o falo*...

A função paterna, igualmente, não foi exercida em direção a Estela, não havendo também um investimento do seu pai – ou de um terceiro substituto - que viesse a contribuir para a constituição psíquica da criança. Não houve, pois, nem narcisismo primário, nem sequer a conseqüente castração simbólica.

Estela, assim, seguiu "andando pelo mundo", sem que seu corpo pudesse ser libidinizado pelo olhar materno e pelo olhar paterno, sem que pudesse adquirir o contorno feminino, impossibilitada de acessar o registro simbólico, face à intensa vivência de abandono na dimensão do ***Real***, que inviabilizou a construção completa do seu eu ideal no ***Imaginário***, face à quase inexistência do olhar das figuras parentais em sua direção.

Apenas com a chegada do seu irmão mais novo, este sim constituído em *falo* pela mãe de Estela, pôde a sua mãe lançar-lhe um olhar, agora preocupado (ou culpado?), o que ensejou a busca de um diagnóstico da sua situação. Assim, somente quando ela pôde receber uma atenção voltada à sua individualidade (psicanalítica), pôde surgir dentro dela algo que pudesse ser considerado um esboço de desejo, mesmo que apenas um desejo de oferecer, através de um beijo, a sua afetividade a alguém, como tentativa de sair do seu "casulo" e poder se comunicar com um outro ser humano, a sua colega de atividades.

O problema mais significativo atinente ao narcisismo ocorre quando a mãe não consegue supor nada em virtude de uma forte rejeição àquele filho... como aconteceu no caso de DIBS, o qual, diferente de Estela (que ocupou o lugar do vazio), passou a ocupar o lugar do fracasso, da vergonha, do feio e do diferente dentro de uma família com padrões extremamente elevados.

DIBS jamais ocupou o lugar de filho desejado e, por isso, formulou um forte protesto silencioso: recebendo da mãe, de forma não-verbal, a repulsa, o descaso e um quase asco por aquele bebê que ela definira como "*Tão grande e tão feio. Tão grande e sem forma, como um pedaço de qualquer coisa",* DIBS lhe devolveu o SILÊNCIO, em sua forma mais desesperadora para uma mãe: a ausência *absoluta* de palavras.

Em resposta à rejeição da mãe, ele primeiro gritara, com toda a sua força, em protesto ao sair do berço e, com o passar do tempo, calou-se e devolveu ao mundo o seu silêncio mais profundo e mais doloroso: o silêncio da recusa à rejeição e ao desamparo.

Dibs funcionara, então, por muitos anos, no registro do ***real***, vivenciado um furo inominável, da ordem do trauma, sem qualquer possibilidade de integração de sua imagem, por lhe ter sido negada a relação dual narcísica que o pudesse constituir como sujeito desejante.

No seu seminário "*A lógica do fantasma*"**,** Lacan diferencia dois tipos de silêncio: o *silêncio do recalque* ou "taceo", que se constitui em calar algo existente como um *silêncio ativo*, isto é, como algo que ainda não pode ser dito e, ainda, o *silêncio da foraclusão* ou "sileo", referido a algo que deveria ter existido e não existiu... esse tipo de *silêncio foraclusivo*, representaria, precisamente, *um encontro com o* ***Real*****,** como aconteceu com o silêncio de Estela e DIBS, face ao dizer impossível, que não remete a nada e presentifica a morte, "a Coisa" (*Das Ding*).

A recusa radical de Estela e DIBS de assumirem a posição de seres falantes, declinando dessa competência, era uma tentativa de não serem aniquilados pelo outro, o que se justifica porque eles jamais ocuparam o lugar de "Sua Majestade, o Bebê", tendo sido privados de *coroa e cetro* desde que nasceram, ocupando, a menina, o lugar do vazio e DIBS, o espaço da vergonha.

A escuta analítica devolveu-lhes a possibilidade de fazer uma “costura” em suas feridas narcísicas de larga dimensão...

No que se refere à personagem Anna, encontrava-se ela aprisionada no registro ***imaginário,*** aguardando que todas as suas demandas viessem a ser supridas pelo seu marido, apesar de desconfiar que ele não seria capaz de pacificar a sua sensação de fragmentação. Ela funcionava, ao ingressar no consultório errado, no registro da demanda, estando em manifesto desespero, solidão, inibição e abandono, em franca falta de carinho, aprovação, amparo emocional e reconhecimento do outro.

Ao começar o processo de escuta, Anna pôde falar da única que pessoa que um dia a “olhara” verdadeiramente: um Professor de balé que a ensinara a dançar.

Ela contou que sempre confundira números, letras, contas e direções... contou que seu pai morrera em um acidente de carro, o qual estava sendo guiado por sua própria mãe, e que ela, desde então, deixara de sentir qualquer coisa, seja amor, seja ódio... ficara anestesiada.

Anna pôde falar do quanto sentira a ***não existência***, nos momentos em que a sua mãe pedia que ela se retirasse do trailer aonde as duas moravam para receber companhias masculinas para encontros sexuais e, depois, esquecia-se completamente dela do lado de fora... pôde falar da sua falta de esperança de um dia ter direito a algo somente para ela. E, sobretudo, pôde falar de si, pela primeira vez.

Partindo na noção freudiana de ser o Eu tratado como um objeto pelo psiquismo, Lacan sustenta que, nas relações especulares, os limites entre o corpo de um e o corpo do outro se desfazem e ficam sem demarcação, motivo pelo qual, quando não há a mediação simbólica para organizar essas relações duais, a conseqüência direta é um impasse, que gera confusão psíquica face à fusão especular, produzindo rivalidade, hostilidade e agressividade, difíceis de o “eu” suportar.

Quanto a Anna, o imaginário havia se apoderado de tal forma de sua vida pessoal, que ela se apresentava ao mundo como um espectro, como alguém que vive uma busca anestesiada de algo que não sabe aonde encontrar e nem sequer tem certeza se merece, de fato. Como uma sombra de algo que poderia ser, mas sempre em busca de uma imagem do que já fora em um longínquo dia...

Anna, certamente, passou a sua vida na esperança de voltar a viver aquele momento imaginário, de relação dual com a sua mãe, de completude e sensação de calor humano: o estádio do espelho. Ficou presa, portanto, no registro do imaginário, capturada por aquele período da vida, sem a possibilidade de fazer algo por si... até bater na porta errada de Faber, que acabou se tornando “a porta certa”!

Em todos os casos acima há, pois, a forte marca impressa por uma escuta psicanalítica ... Os três analistas, constituídos no desenrolar do processo de escuta - a Professora, o Advogado e a Terapeuta - buscaram naqueles três sujeitos em genuína agonia e angústia, algo do seu desejo próprio, algo da sua singularidade. Simplesmente buscaram a palavra... perdida para todos os três.

Após o processo de escuta, ocorreu uma transformação na forma em que esses três sujeitos se encontram no mundo, podendo simbolizar a sua dor e partir para uma vida menos calcada na angústia e na inibição. Houve, a rigor, uma impactante experiência da escuta e da fala em cada caso acima apreciado, e essa genuína troca da palavra valeu como um meio viabilizador do acesso ao simbólico.

Batizado por Claude Lévi-Strauss de "ordem simbólica", o *Simbólico* é um registro que organiza, ou melhor, coloca em *ordem*, razão pela qual é a partir dele é que se poderá ordenar o ***Real*** e o ***Imaginário.***

Sabe-se, por outro lado, que o objetivo de uma análise é construir o processo de simbolização em busca da ***palavra plena***, que é a palavra que endereça o sujeito ao reconhecimento de que é um sujeito desejante.

Essa experiência analítica é fundada em uma relação a três: analista, analisando e palavra. E ela tem por objetivo concentrar-se em fragmentos do ***real*** que podem ser traumáticos para o sujeito, ou seja, buscar simbolizar, progressivamente, aquela experiência residual, do real inexprimível, que se tornou um obstáculo para o paciente, sob a máxima de que “o real não é encontrado, mas reencontrado”.

Segundo Lacan, a diferença do nó borromeano e de um nó olímpico consiste em que, se amarrarmos três círculos entre si em um nó olímpico e cortamos apenas um deles, os outros dois nós permanecerão unidos; no nó borromeano, acaso cortado um dos círculos, os outros dois se cortam e os três ficam separados, “caem”.

São tão intricados os registros do ***real, simbólico*** e ***imaginário*** que o “enrosco” do psiquismo em qualquer desses registros, sem a possibilidade de circulação da energia psíquica naturalmente, pelo registro seguinte, enseja três consequências relevantes que implicam em intenso sofrimento para o indivíduo: inibição, sintoma e angústia. A inibição representa a invasão do imaginário no simbólico; o sintoma é a invasão do simbólico no real e a angústia é a invasão do real no imaginário.[10]

No caso de Estela e DIBS, é manifesta a invasão do Real no Imaginário, deixando-os inteiramente comprometidos em acessar o simbólico, dada a forte **angústia** na qual foram mergulhados face ao

[10] in Lacan, O Grande Freudiano, Marco A. Coutinho Jorge e Nadiá P. Ferreira, Ed. Zahar, pg. 37

desamparo decorrente dos seus nascimentos.

Quanto a Anna, é notória a sua **inibição** ao ingressar, em um primeiro momento, na sala do "analista", como alguém que nada sente, nada merece, nada espera do mundo ... retratando a invasão do imaginário no simbólico.

O simbólico situa-se entre o real e o imaginário, mas há uma sequência da continuidade dos três registros (R->S->I->R->S->I...), sendo que o lugar do **sujeito** falante é produzido pelo simbólico, que permite mediatizar a relação com o real, por um lado e com o imaginário, por outro.

Ocupando o lugar de sujeito (no simbólico), no reino do "entre" o real e o imaginário, tanto DIBS, quanto Estela e Anna puderam passar a olhar para os dois lados – o furo (expresso no real) e o falo (expresso no imaginário) – já que a análise deve precisamente caminhar do imaginário para o real e do real para o imaginário, passando pelo simbólico que é a linguagem.

Por estarmos no campo do Real e do Imaginário, cabe invocar a letra do poema "***Metade***", de Oswaldo Montenegro, para falar sobre o silêncio eloquente de DIBS e sobre o silêncio omisso e desafetado de Estela e, por fim, sobre o aprisionamento no imaginário por parte de Anna:

Face a esse poema, DIBS e Estela se manifestariam:

"... Porque metade de mim **é o que eu grito**, mas a outra metade é silêncio…
"… Porque metade de mim é o que ouço, mas a outra metade é o que calo.
Que essa minha vontade de ir embora se transforme na calma e na paz que eu mereço.
E que essa tensão que me corrói por dentro **seja um dia recompensada**.

E Anna:

Que o medo da solidão se afaste e que o convívio comigo mesmo se torne ao menos suportável.
Que o espelho reflita em meu rosto, um doce sorriso, que me lembro ter dado na infância.
Porque metade de mim é a lembrança do que fui, a outra metade eu não sei.

E os três, em coro, concluiriam:

"E que a minha loucura seja perdoada.
Porque metade de mim é amor, e a outra metade… também."

Bibliografia

1 – Lacan, Jacques, “O Estádio do Espelho como formador da Função do Eu”, in “Escritos, Jacques Lacan”, Ed. Zahar

2 – Lacan, Jacques, “Função e Campo da Fala e da Linguagem em Psicanálise”, in “Escritos, Jacques Lacan”, Ed. Zahar

3- Lacan, Jacques, “Seminário A Lógica do Fantasma”

4 - Coutinho Jorge, Marco A. e Ferreira, Nadiá P. , “Lacan, O Grande Freudiano”, Ed. Zahar

5- Coutinho Jorge, Marco A., “Fundamentos da Psicanálise, De Freud a Lacan”, Ed. Zahar

6- Dolto, Françoise, “A Imagem Inconsciente do Corpo”, Ed. Perspectiva

7 – Dolto, Françoise e Nasio, J.D., “A Criança no Espelho”, Ed. Perspectiva

8 - Freud, Sigmund, in “*Sobre o Narcisismo: Uma Introdução*”, Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol.XIV, Ed. Imago

9- Flaubert, Gustave, Madame Bovary

10 – M. Axline, Virgína, “DIBS: Em busca de si mesmo”

11- Filme francês “Confidências Muito Íntimas”